






mensal | agosto de 2021 | nº 2 | ano 28 |    /sescrevistae | [sescsp.org.br/revistae](mailto:revistae@sescsp.org.br) | revistae@sescsp.org.br | [Distribuição gratuita](#) | [Venda proibida](#)

ISSN 2179907-5
00317
9 772179 907008

TECNOLOGIAS SOCIAIS | PICADEIRO VIRTUAL | PARA CONTEMPLAR E CUIDAR | PAULO MENDES DA ROCHA | LUIZ PAIXÃO |
BERNARDO SORJ | VIOLÊNCIA CONTRA PESSOA IDOSA | MARÇAL AQUINO | JORGE BODANZKY | CARLOS SEZEM IRAMINA

sesc 75 ANOS

Ação urgente contra a fome. Faça sua doação.

A fome é uma realidade que atinge milhões de brasileiros.

Agora, você pode doar qualquer tipo de alimento não perecível diretamente nas unidades do Sesc e Senac no Estado de São Paulo

Ajude a mudar essa situação!

Acesse

www.sescsp.org.br/doemesabrasil



realização



Ilustração: Renan Santos | Foto: Everton Ballardin



IMAGEM DA CAPA

Como seria imaginar toda a história do clássico da literatura *Alice no País das Maravilhas* pelo olhar de sua protagonista? Pois a exposição *reAlices: narrativas artísticas*, de Santo André, é o resultado desse feito e a capa desta edição. Oito artistas de técnicas variadas foram convidados pela equipe de artes visuais da unidade a imaginar o país das maravilhas pelo olhar de Alice. A galeria de obras, apresentada na mesma cronologia do livro, conta com diversas técnicas: feltro em seco, muralismo, ilustração em grandes proporções, ilustração em prato, colagem, *paper cutting* e quadrinhos. A imagem, do ilustrador Renan Santos, apresenta um dos seis momentos-chave do percurso de *Alice no País das Maravilhas* apresentados na exposição. Com curadoria assinada pela equipe de programação, a exposição segue em cartaz na unidade até 12 de setembro. Saiba como realizar o agendamento para visita: https://www.sescsp.org.br/programacao/224983_REALICES+NARRATIVAS+ARTEVISUAIS

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones



Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.



Download gratuito para Android e iOS

Desafios e superação

Desde a sua criação, em 1946, o Sesc – Serviço Social do Comércio, trabalha o conceito do bem-estar social de inúmeras formas possíveis, contribuindo para a promoção da qualidade de vida por meio de uma ação permanente nos campos da cultura, do lazer, do turismo, dos esportes, da saúde e alimentação dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus familiares, bem como de toda a comunidade.

Nestas mais de sete décadas de atuação, entendendo e se adaptando a cada momento da sociedade, e, principalmente em períodos de crise, como o que ainda estamos vivendo neste ano de 2021, a essência da instituição para a promoção do bem-estar continua a manter o seu norte. A entidade segue em seu propósito de contribuir para a promoção da qualidade de vida com atividades diversas realizadas nos centros culturais e esportivos espalhados pelo estado e, de maneira cada vez mais ampliada, também no ambiente digital, expandindo as fronteiras territoriais e gerando o encontro de ideias, a ampliação de repertórios múltiplos e o contato com o novo.

Entendendo que este momento desafiador será mais um aprendizado e incentivo às mudanças que transformam a sociedade, o Sesc – Serviço Social do Comércio, coloca-se sempre como parceiro da comunidade nos desafios diários.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

As tecnologias sociais a nosso favor

Vivemos hoje um cenário que ainda enfrenta desafios relacionados ao desemprego, à desigualdade social, aos desequilíbrios ambientais, ao aumento da fome, entre outras questões, e que se tornam mais evidentes em momentos de crise como o que estamos vivenciando. Mas os obstáculos, de certa forma, nos fazem refletir e pensar em soluções.

As tecnologias sociais são um grande exemplo de ferramentas que estão sendo utilizadas para o bem comum, buscando valorizar não só interesses individuais, mas também coletivos, como acessibilidade, gestão de resíduos, mobilidade urbana, inclusão social e geração de renda. Reportagem desta edição da **Revista E** explora essa temática e relata algumas dessas experiências.

A edição também retrata a relação do ser humano com a natureza: em *Gráfica*, registros fotográficos da beleza e biodiversidade da Reserva Natural Sesc Bertioga; e em *Almanaque Paulistano* a dica fica por conta das hortas urbanas como opção acessível para quem vive nas grandes cidades e deseja pôr a mão na terra. E ainda: *Entrevista* com o sociólogo Bernardo Sorj sobre os efeitos da internet nas relações humanas; em *Perfil*, a vida e os projetos magistrais do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, que nos deixou recentemente; *Encontros* com o diretor de cinema Jorge Bodanzky, e, na seção literária, conto inédito do jornalista, escritor e roteirista Marçal Aquino.

Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



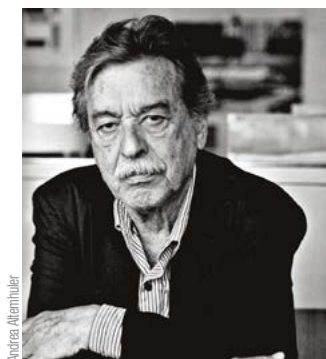
Sandra Codo

Em ENTREVISTA, o sociólogo BERNARDO SORJ fala sobre os desafios da educação diante da disseminação de *fake news* e manifestações de ódio na internet **10**



Pedro, Paseli & Besouro | Estúdio de Desenho

TECNOLOGIAS SOCIAIS em plataformas, aplicativos e outras ferramentas digitais promovem inclusão, geração de renda, acessibilidade e sustentabilidade **18**



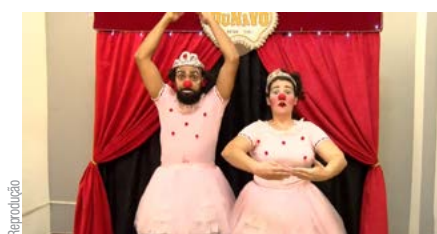
Andrea Altemüller

No PERFIL, vida e obras de PAULO MENDES DA ROCHA, urbanista, professor e arquiteto dos encontros **26**



Ignacio Aronovich

Na GRÁFICA, registros da biodiversidade e trilha da Reserva Natural do Sesc Bertioga PARA CONTEMPLAR E CUIDAR **34**



Reprodução

Artistas e grupos circenses apertam o play e levam alegria para um PICADEIRO VIRTUAL **52**

| | |
|--|-----------|
| DOSSIÊ | 7 |
| EM PAUTA VIOLÊNCIA CONTRA PESSOA IDOSA | 58 |
| ENCONTROS JORGE BODANZKY | 66 |
| DEPOIMENTO LUIZ PAIXÃO | 70 |
| INÉDITOS MARÇAL AQUINO | 74 |
| ALMANAQUE PAULISTANO | 80 |
| P.S. CARLOS SEIZEM IRAMINA | 82 |

ARTÉRIAS

NOVOS OLHARES PARA A
ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

**SÉRIE INÉDITA DE
DOCUMENTÁRIOS**

COM A PARTICIPAÇÃO DE
AGRIPPINA R. MANHATTAN

ALINE MOTTA

ARISSANA PATAXÓ

CIBIOLA

DALTON TUKANO

DENILSON PAULA

EDGAR BANIWA

EMANOEL KANAYKÖ

ENEIDA SANCHES

EUSTÁQUIO NEVES

FLÁVIO CERQUEIRA

ISRAEL E SUELI MAXAKALI

JAIKER ESBELL

LYZ PARAYZO

MAXWELL ALEXANDRE

NEI XAKRIABÁ

RENATA DOS ANJOS

ROSANA FELINTO

SONIA PAULINO

TIAGO CUALBERTO

YACUNÁ GOMES

DIREÇÃO GERAL

GERAHELENA BAGNOLI

Em conexão com o planeta

FESTIVAL APRESENTA REFLEXÕES
SOBRE O DIREITO AO CONTATO
E À INTEGRAÇÃO COM A
NATUREZA DESDE A INFÂNCIA



Com a proposta de promover o pensamento sobre o direito à natureza e ao bem viver para o desenvolvimento integral de bebês, crianças e adolescentes, o Sesc São Paulo realiza o Festival Criança e Natureza neste mês. A ação é elaborada a cada dois anos em parceria com o Instituto Alana. Em pauta, a urgência de implementar soluções que ajudem a entender os direitos à natureza e a essa reconexão. Para isso, o público poderá acompanhar debates com profissionais de diferentes áreas, que estudam caminhos para o desemparedamento da infância, principalmente neste momento de restrições para contenção da Covid-19.

Neste ano, o festival acontecerá apenas no ambiente virtual, nos dias 17, 18 e 19 de agosto, com transmissão pelo canal do YouTube do Sesc Santana e do canal do Instituto Alana. “A situação de pandemia impactou diversos aspectos da vida. O desejo de sentir-se livre e seguro em espaços naturais tornou-se um pensamento recorrente”, observa Tânia Perfeito Jardim, assistente técnica da Gerência de Educação para Sustentabilidade e Cidadania. Por isso, ela complementa, “abordar a importância do fortalecimento do vínculo entre criança e natureza, especialmente agora, estimula a reflexão sobre quais são as mudanças desejáveis e possíveis para uma retomada mais sinérgica entre os seres humanos e o planeta, e como gostaríamos de reconstruir o mundo ‘lá fora’”.

Na abertura do festival, dia 17/8, das 19h às 20h30, a live *Criança é Natureza* traz a reflexão sobre a não dissociação entre a saúde das crianças e a saúde do planeta. Entre os convidados estão a atriz Taís Araújo, a apresentadora e chef de cozinha natural Bela Gil, a cantora Gaby Amarantos e a jovem ativista Catarina Lorenzo. Confira e acompanhe toda a programação no [canal do YouTube do Sesc Santana](https://www.youtube.com/c/SescSantana). E para se inscrever no Festival Criança e Natureza, acesse: www.sescsp.org.br/criancaenatureza.

ABORDAR A IMPORTÂNCIA DO
FORTALECIMENTO DO VÍNCULO ENTRE
CRIANÇA E NATUREZA, ESPECIALMENTE
AGORA, ESTIMULA A REFLEXÃO SOBRE QUAIS
SÃO AS MUDANÇAS DESEJÁVEIS E POSSÍVEIS
PARA UMA RETOMADA MAIS SINÉRGICA
ENTRE OS SERES HUMANOS E O PLANETA

TÂNIA PERFEITO JARDIM, assistente
técnica da Gerência de Educação para
Sustentabilidade e Cidadania





Sesc Guarulhos | Divulgação

COSTURAR OPORTUNIDADES

Máscaras de tecido passaram a ser itens essenciais à saúde no atual cenário, assim como máscaras descartáveis. Por isso, o Sesc São Paulo tem realizado com suas unidades o projeto Tecido Solidário, que busca promover o trabalho comunitário, a geração de renda e a conscientização de todos para o uso adequado desse item de proteção. Em julho passado, foi a vez de o Sesc Guarulhos somar novas parcerias. Passaram a integrar o projeto 12 mulheres da Associação Seringueiras – moradoras da comunidade Parque das Seringueiras, vizinha à unidade – para a confecção de 1.740 máscaras de tecido. A fim de auxiliar as novas participantes, a equipe do projeto Tear de Guarulhos compartilha saberes em oficinas de costura, além de acompanhar de perto o trabalho das 12 novas artesãs. Ao final das oficinas, as máscaras produzidas serão distribuídas na Associação Seringueiras, no Projeto Tear e, também, pelo programa Mesa Brasil. Desde maio de 2020, já foram confeccionadas e distribuídas mais de 130 mil máscaras pelo Tecido Solidário. Saiba mais: www.sescsp.org.br/tecidosolidario.

NA TRILHA DA CANÇÃO

Qual processo leva um artista a desenvolver temas e escolher palavras para musicar? Na série *Caminhos da Composição*, realizada pelo Centro de Música do Sesc, compositores e compositoras brasileiros de diferentes vertentes falam sobre formação, ensino, técnicas, processos criativos, diferentes realidades e mercados. Para a estreia, em julho, foi convidada a cantora e compositora Adriana Calcanhotto, e neste mês, dia 6/8, às 20h, é a vez de ouvir **Dona Onete**, “Rainha do Carimbó”, e o incorrigível romântico Odair José. Mediado pela jornalista Linda Ribeiro, esse segundo episódio passeia tanto pela poesia e sonoridade do Pará quanto pelos hits do romântico Odair José, considerado um dos maiores vendedores de discos do país nas últimas três décadas e meia. Assista no [canal do YouTube do Centro de Música](https://www.youtube.com/channel/UC...) e confira a programação completa: www.sescsp.org.br/centrodemusica.



Adriano Paquindes

NARRATIVAS INDÍGENAS

Neste mês, estreia a websérie *Leia Autoras Indígenas*, realizada pelo Sesc Ipiranga, com a participação de mulheres de diferentes etnias; dentre elas, oito escritoras e duas oradoras, que reforçam o papel e a importância da oralidade nas culturas tradicionais. Ao todo serão exibidos dez episódios semanais (de até 15 minutos cada um), com curadoria de Julie Dorrico, Paolla Andrade Vilela e Moara Brasil Tupinambá, idealizadoras do coletivo Leia Mulheres Indígenas. Compõem a série: Aline Pachamama, Márcia Kambeba, Vangri Kaingang, Aurítha Tabajara, Gleycielli Nonato, Vanda Domingos, Liça Pataxoop, Eliane Potiguara, Niara Terena e Geni Núñez. O projeto busca incentivar a leitura de obras de autoras indígenas e contribuir para a descolonização do imaginário composto por estereótipos sobre os povos originários do Brasil. Assista aos episódios lançados toda quinta-feira, às 19h, entre 26/8 e 28/10, no canal do YouTube do Sesc Ipiranga: www.youtube.com/sescipirangasp.

A VIDA DE LINA

Quem foi a arquiteta italo-brasileira Lina Bo Bardi (1914-1992) e qual o seu legado hoje? No curso online *Lina: Uma Biografia*, originado do livro homônimo lançado pela editora Todavia neste ano, o autor, Francesco Perrotta-Bosch, se debruça sobre essas questões. Realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, entre 19 de agosto e 16 de setembro, o curso se alicerça na narrativa biográfica da arquiteta, amparado por um vasto acervo de imagens, numa parceria entre a Todavia e o Istituto Italiano di Cultura di San Paolo. As aulas darão ênfase aos projetos de arquitetura e de exposições de Lina, apresentando desde sua formação na Itália até os bastidores da concepção e construção de edifícios como o Masp, o Sesc Pompeia e o Solar do Unhão, em Salvador. Perrotta-Bosch é mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), doutorando pela mesma faculdade e pela Universidade IUAV, de Veneza, além de membro do júri da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Mais informações: www.sescsp.org.br/cpf.



Divulgação



Os Parixaras, de Jaclier Espbell, acrílica e posca sobre tela

A partir do dia 21 de agosto, o público poderá visitar a terceira edição de *Frestas – Trienal de Artes*, que ocupa o Sesc Sorocaba e espaços públicos da cidade. Neste ano, a exposição tem como título “O Rio É uma Serpente” e reflete sobre economias de acesso, políticas e poéticas de exibição, além de estratégias de solidariedade. Sob curadoria de Beatriz Lemos, Diane Lima e Thiago de Paula Souza, assistência de curadoria de Camila Fontenele e coordenação educativa de Renata Sampaio, a mostra reúne 54 artistas e coletivos de diferentes nacionalidades. Agende a sua visita: www.sescsp.org.br/frestas.

DO PEITO AO PRATO

Em sua terceira edição, o projeto *Do Peito ao Prato*, traz debates, cursos e informações sobre a importância de uma alimentação adequada e saudável nos dois primeiros anos de vida, reconhecendo-a como decisiva para a saúde nesta faixa etária e com reflexos por toda a vida adulta. A programação online acontece de 1º a 7 de agosto, em paralelo com a Semana Mundial do Aleitamento Materno. Entre as atividades em destaque, está o lançamento do curso EAD *Construindo o Futuro: Introdução Alimentar para Bebês até 2 Anos*, com a nutricionista **Raquel Francischi**, na plataforma Sesc Digital. O curso é gratuito e estará disponível a partir do dia 5/8. Confira a programação completa: www.sescsp.org.br/dopeitoao prato.



Divulgação

Questiono, logo atuo

SOCIÓLOGO E PESQUISADOR FALA SOBRE OS EFEITOS DA INTERNET NAS RELAÇÕES HUMANAS E A NECESSIDADE DE PENSAMENTO CRÍTICO PARA AGIR NA ERA DIGITAL

Não vivemos duas vidas paralelas: uma no ambiente offline e outra no online. Nas últimas duas décadas, trabalhamos, estudamos, nos informamos, nos comunicamos e executamos tarefas nos dois ambientes. Com apenas um clique, temos acesso ao conhecimento, mas também a *fake news*. Como saber, então, discernir esses conteúdos? De que forma interagir com outras pessoas nas redes? E qual o papel dos educadores nesse cenário? No recém-lançado – e disponível gratuitamente – ***Corações e Mentes – Pensando de Forma Autônoma Fora e Dentro da Internet***, o sociólogo e professor uruguaio Bernardo Sorj, radicado no Brasil há mais de 40 anos, levanta esses e outros questionamentos, mostrando a importância de não tratar o mundo virtual e as relações face a face como espaços estanques. Com texto e coordenação geral de Sorj e Alice Noujaim, além de atividades de Maura Marzocchi e Bruno Ferreira, o livro é orientado a professores como uma ferramenta para desenvolver habilidades que fortaleçam a autonomia e o pensamento crítico, fundamentos da convivência democrática. Diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e do Projeto Plataforma Democrática, que em parceria com o Instituto Palavra Aberta lança *Corações e Mentes*, Bernardo Sorj fala sobre os desafios da educação diante da atual cena de polarização e de manifestações de ódio e preconceito na internet.



O livro *Corações e Mentes* nasce de quais questões?

Já faz quase duas décadas que venho trabalhando sobre o tema do impacto da internet na vida social. Na época do referendo das armas [*sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições, que ocorreu no Brasil em 2005 e não aprovou o artigo 35 do Estatuto do Desarmamento, que tornava proibida a comercialização de arma de fogo e munição em todo o território nacional, salvo para as entidades previstas no art. 6º do estatuto*], fiz uma pesquisa para a ONG Viva Rio. Pensávamos que a proposta ia ser aprovada e foi derrotada. Descobrimos na nossa pesquisa que uma das razões para isso acontecer foi a campanha contra a proibição, muito bem-feita, via e-mails. Eles começavam assim: “Eu também sou como você. Não sou a favor das armas de fogo. Então, vamos pensar juntos (...)”. O argumento ia levando o leitor a ser contra a proibição. Descobrimos que esse e-mail circulava do Ceará até o Rio Grande do Sul e que muitos dos materiais (enviados) eram uma tradução para o português da *National Rifle Association*. Então, a campanha levava o leitor do e-mail a sentir, primeiro, que o autor era alguém como você, ele continha dúvidas; havia erros de ortografia feitos intencionalmente, e trazia uma longa lista de outros nomes de pessoas para quem havia sido enviado o e-mail. Então, dava a impressão de que era alguém “gente como a gente”. Aí, percebi que o novo mundo da internet, que muitos sociólogos achavam que seria o mundo da liberdade e da comunicação horizontal, era um sistema de comunicação diferente dos meios tradicionais, um espaço de participação de todos os cidadãos, mas que na realidade tinha um potencial enorme de manipulação. Inclusive com aspectos mais perigosos que os meios tradicionais. Porque, nos jornais ou na TV, você sabe quem é responsável pela matéria e conhece a linha editorial do veículo, inclusive você pode entrar na justiça se for caluniado. O novo sistema de comunicação online é muito mais sofisticado, leva a pensar que quem está se comunicando é alguém igual a você, mas não é. É um especialista em comunicação que manipula emoções, sentimentos e inseguranças, se escudando em figuras inexistentes, no anonimato.

Já naquela época, havia observado esse tipo de ação na internet?

O MUNDO ONLINE, QUE APARECE
SÓ NA TELA, TEM GRUPOS
ECONÔMICOS, POLÍTICOS, OUTROS
INTERESSES QUE ESTÃO POR
TRÁS E QUE VOCÊ NÃO ENXERGA

Sim. Todo um jogo de manipulação muito sofisticado. A partir daí, comecei a acompanhar essas transformações que a internet estava produzindo, até chegarmos às famosas *fake news*. Na verdade, já naquela época, esses e-mails eram *fake*. Mas as *fake news* viraram uma indústria e me senti obrigado a pensar qual a relação entre a internet e o espaço público. Posteriormente, analisando as manifestações de 2013, parecia que as pessoas estavam se organizando espontaneamente, enviando mensagens pelo WhatsApp, mas o WhatsApp tinha centrais. A conclusão a que cheguei na época é que o mundo online tem por trás uma estrutura offline que a gente nunca enxerga. Quando você lê um jornal, sabe onde está a sede daquele jornal, há uma estrutura humana e material explícita. O mundo online, que aparece só na tela, tem grupos econômicos, políticos, e outros interesses que estão por trás e que você não enxerga. Para enfrentar as *fake News*, partimos para produzir o livro *Sobrevivendo nas Redes – Guia do Cidadão* (Plataforma Democrática, 2018), que procura explicar o que são as *fake news* e reúne uma série de conselhos de como se proteger.

E quais seriam essas orientações?

O primeiro conselho é: quando se lê uma mensagem sem origem ou origem duvidosa, o autor não se identifica ou o texto se refere a um blog desconhecido e, sobretudo, se você concorda com ele, desconfie. Você não tem que desconfiar daquilo de que discorda, porque você não irá disseminar aquilo de que discorda. O problema do funcionamento do mundo virtual é a disseminação, a tal viralização, na qual

somos os soldados de um estado maior que nos manipula. Então, primeiro, proteja-se daquilo com que você concorda. Porque as *fake news* são produzidas para mobilizar nossos preconceitos, nossos sentimentos e tudo aquilo que, a princípio, tendemos a achar que é verdadeiro, por causa dos nossos preconceitos. Hoje as redes têm capacidade de identificar diferentes grupos de pessoas pelos mais diversos critérios, o que permite orientar a mensagem para um determinado grupo com certas características e preconceitos previsíveis. Então, por exemplo, as redes de extrema direita, para promoverem o machismo, a cada três mensagens de ordem política, enviam seis imagens pornográficas. Isso reforça o machismo, a ideia de que mulher é um objeto. Apesar de o nosso livro (*Sobrevivendo nas Redes*) ter sido muito bem-aceito – tivemos mais de um milhão de visitas em nosso site –, assim como ocorre com a possibilidade dos cidadãos de contar com as agências de checagem de notícias, a sensação continuou sendo a de que estávamos enxugando gelo.

De que forma?

Primeiro, porque a maioria das pessoas não checa as notícias que confirmam seus preconceitos: elas acreditam e disseminam imediatamente, sem refletir. É uma minoria que se dá ao trabalho de checar as informações. Então, a conclusão foi: temos que dar um passo atrás. Temos que pensar na educação de base. É possível que a minha geração, em certa medida, esteja perdida, porque não teve educação para a internet. Então, decidimos entrar na área de educação escolar, trabalhar com uma perspectiva de longo prazo. Foi aí que

fiz um levantamento bastante exaustivo, em várias línguas, do que é chamado de alfabetização digital ou educação midiática. Minha conclusão foi que esses trabalhos focam na relação do jovem com a tela, com o computador, e tentam dar instrumentos para quando ele estiver navegando. Como checar, conferir, pesquisar mais. No entanto, o mundo real das pessoas não é “uma relação com a rede” separado do “fora da rede”. As pessoas circulam nos dois ambientes o tempo todo. Então, o mundo de hoje não é “midiático” e “não midiático”. Tem um mundo que é simultaneamente, o tempo todo, interpenetrado, e quando você analisa a biografia sobre o impacto da internet, o que você descobre? Os efeitos da internet na interação social podem levar a uma fragilização e a um empobrecimento moral e intelectual.

Quais fatores levam a esse empobrecimento moral e intelectual?

Um deles é a velocidade da comunicação. Você espera respostas rápidas, que serão necessariamente curtas. Respostas não reflexivas, uma comunicação pingue-pongue. A estrutura emocional, reflexiva, não é eletrônica. O ser humano não é um ser eletrônico, ainda que tenha eletricidade no corpo. O processo de reflexão é também um processo emocional, que exige tempo. Como resultado, qualquer discussão entre duas pessoas no Facebook, no WhatsApp, ou em outra plataforma, termina em ofensas. Isso acontece porque, além da velocidade que não permite refletir, a comunicação virtual produz dessensibilização. Quando você está face a face com outra pessoa, você se comunica com o corpo dela, com as expressões faciais, com a sensibilidade e sentimentos. Na rede não vê o rosto da pessoa, não sabe se ela está triste, e a cancela com um clique. Qual a conclusão a que cheguei? Não adianta pensar numa educação midiática que não leva simultaneamente em consideração valores e raciocínios que se formam, fundamentalmente, fora da internet. Os sentimentos

OS VALORES FUNDAMENTAIS QUE DEVEM NOS ORIENTAR COMO
SERES HUMANOS, COM CAPACIDADE DE REFLEXÃO E CONVIVÊNCIA,
NÃO SÃO DIFERENTES FORA E DENTRO DA INTERNET



Fernanda Cunha Rezende | IEA-USP

humanos associados ao contato físico são fundamentais para formar as emoções, que são a sustentação da convivência, da compreensão e do respeito ao próximo.

Seria a solidão necessária para pensar duas, três, quatro vezes no que dizer ou escrever?

Sim. Antes, quando você recebia uma carta, você pensava no que ia responder e, depois de algum tempo, escrevia. Então, a conclusão a que cheguei é que a educação midiática deve desaparecer como tal. Ela deve ser uma nova perspectiva de educação, de formação de valores e de raciocínio que inclua tanto a internet quanto o ambiente fora da internet. Quando a gente se comunica na internet, nunca devemos esquecer a experiência offline que nos leva a pensar: “Deixe-me considerar como o que eu fizer vai afetar os sentimentos do outro”.

Com isso, quer dizer que a educação midiática precisa mudar?

Eu diria que a educação midiática tem que ser absorvida como parte integral da educação. Não é bom separá-la como um campo. É como falar de “e-cidadania” como sendo a cidadania da internet. Não. Cidadania é uma coisa só. Os valores fundamentais que devem nos orientar como seres humanos, com capacidade de reflexão e convivência, não são diferentes fora e dentro da internet. E esses valores se formam fundamentalmente nas relações face a face e devem estar, portanto, em comunicação constante com o mundo da internet. Então, acho que temos que passar da educação midiática, que teve seu momento de ser, até porque quando surge algo novo você cria uma “caixinha” diferenciada. Mas ela deve desaparecer e ser parte integral da educação em todas as áreas, em particular as que tratam das ciências humanas, sociais e literatura. O que temos visto é que, quando se fala com especialistas da educação

mediática, existe uma tendência dos professores a se afastarem desse tema. Você produz trabalhos excelentes e os professores, em geral, não os utilizam.

Por quê?

Em diferentes países, pesquisas apontam a uma resposta simples: os professores se sentem inseguros nessa área porque estão lidando com uma geração digital, que entende mais do uso da internet que eles próprios. Dessa forma, os professores tentam se afastar dessa área. Na medida em que você fala para o professor que a experiência offline é fundamental para a educação online, e essa área offline é a base da experiência do professor, uma área em que ele se sente confortável, você está criando uma ponte para que os professores conversem com seus alunos quando se referem ao uso de internet. É isso que a gente tem visto depois de lançarmos o site (www.coracoementes.org.br). Já tivemos mais de 50 mil visitas e milhares de *downloads* (do livro *Corações e Mentes*). Acho que os professores estão reagindo positivamente, porque se sentem reconhecidos nesse tipo de *approach*.

No livro também é destacada a necessidade de empatia, algo que pouco observamos nos usuários da internet. Seria a falta de empatia a razão que leva à polarização e à disseminação de ódio?

A polarização e o ódio são produto de uma variedade de fenômenos. Além dos fatores mencionados, o Facebook, com os “like it”, “not like it”, fortaleceu uma reação emocional binária. Uma das propostas que colocamos no livro, e que considero fundamental, é que devemos enriquecer nosso vocabulário de adjetivos para expressar julgamentos e emoções, para que a vida não se restrinja a “eu amo” e “eu odeio”. O amor é um sentimento profundo e não este a que se referem os jovens, essa geração “amo sorvete de chocolate”,

“amo esse sapato”. Tudo é “amo” ou “odeio”. O ódio é um sentimento terrível, que adoce as pessoas. E amor é um sentimento nobre demais para ser utilizado de forma banal. Então, há um empobrecimento de vocabulário de emoções que termina sendo um empobrecimento das pessoas e das relações humanas. É um mundo de imagens, de simplificações, de extremos, de uma produção de informação que gera bolhas, e as *fake news* as aumentam.

Soma-se ainda à produção dessa bolha a influência dos algoritmos na sugestão de conteúdos.

Isso. As redes sociais e as grandes plataformas e sistemas de busca, nos seus bancos de dados que identificam afinidades e gostos, geram perfis pessoais que são usados para vender produtos ou enviar mensagens políticas. Tudo isso leva a um fechamento emocional e cognitivo das pessoas que é simbolizado pelo “amo” ou “odeio”. Temos que lembrar as pessoas sobre a diversidade de sentimentos e os diferentes adjetivos que cada sentimento merece. Inclusive por respeito a nós mesmos e aos outros. E isso é muito difícil nas redes. Um professor dificilmente pode explicar empatia só usando um computador.

Ao contrário: esqueça um minuto o computador: que sentimentos você tem em relação a tal pessoa ou objeto? Que adjetivos são os mais adequados? Agora, vamos voltar ao computador, ler essa notícia e ver se simplesmente “amo” ou “odeio” são termos suficientes ou se há coisas ali que são interessantes, outras que você acha erradas, outras de que você discorda parcialmente. Ou seja, voltar sempre à capacidade de reflexão da pessoa, dos sentimentos fora da internet, para, então, retornar ao computador, levando sentimentos e capacidade de julgar que são muito mais plurais, diferenciados e diversos, que não se encaixam na polarização destrutiva. Destrutiva

UMA PESSOA
CAPAZ DE PENSAR
CRITICAMENTE
É UMA PESSOA
CAPAZ DE PENSAR
DE FORMA
AUTÔNOMA,
DE REFLETIR

tanto da riqueza pessoal quanto da capacidade pessoal de refletir sobre o mundo e suas relações. É isso que a gente vive hoje no Brasil, e que as *fake news* só potencializam.

Outras duas questões fundamentais destacadas em *Corações e Mentes* são: o que pensar e como pensar. Como, então, pensar fora da rede, ou seja, não ser pautado tanto pelos sentimentos e direcionamentos?

Novamente voltamos à educação e à capacidade de desenvolver o pensamento crítico. Pensamento crítico não pode ser confundido com pensamento de crítica, aquele que critica não é alguém com pensamento crítico. Uma pessoa capaz de pensar criticamente é uma pessoa capaz de pensar de forma autônoma, de refletir, de procurar concordâncias e discordâncias a partir dos valores e do raciocínio. Esse pensamento crítico é fundamental em particular em tempos de internet por causa dessa velocidade extrema, que dificulta o raciocínio e o contato com os sentimentos dos outros. O foco principal sobre o que nos concentramos no livro são os vieses cognitivos. Eles são mecanismos internos, geralmente inconscientes, que nos levam a limitar, a diminuir nossa capacidade de pensamento autônomo. Um viés cognitivo que a gente já mencionou é o de tender a pensar que seja verdadeiro aquilo que confirma nossos preconceitos. São os ardis que nossa própria mente cria para diminuir nossa capacidade de autonomia e de crítica, facilitando, portanto, a manipulação.

Poderia nos dar outros exemplos desse viés cognitivo?

Um caso de viés cognitivo é o viés da normalidade. Nós acreditamos que nossa forma de ser é o normal e, portanto, o certo, já as condutas discordantes da nossa são erradas, patológicas, e, portanto, devem ser desprezadas e combatidas. O que chamamos de normalidade é nossa forma particular de ver o mundo, uma possível entre tantas outras. Ou seja, temos que nos proteger daquilo que é diferente. Outro viés é atribuir defeitos aos que são menos próximos da gente, chamado de viés da atribuição. Por exemplo, quando um político de uma linha que não é a sua rouba, você diz: “Todos os membros desse partido são ladrões”. Agora, quando um político da linha que você apoia rouba, você diz: “É uma exceção, não

deveria ter acontecido”. O mesmo vale no plano da convivência cotidiana. Quando alguém próximo faz algo de errado, você considera um ato excepcional, produto das circunstâncias. Quando alguém de que você não gosta faz algo errado, você o atribui a seu “caráter”. No livro mostramos como as *fake news* se apoiam sobre nossos vieses cognitivos.

Como explicar a desumanidade evidente nas redes sociais, como essa questão do ódio e do preconceito?

No ano passado, publiquei o livro *Em Que Mundo Vivemos?* (disponível para acesso gratuito). Nessa obra tento mostrar que um dos problemas desse mundo polarizado em que vivemos é pensar que existem soluções simples, fáceis e rápidas para temas complexos. Tanto o ser humano individual quanto a sociedade são complexos. Por exemplo, não adianta pensar que o tema da violência se resolve apenas com uma atuação policial mais eficaz. Também não se trata de propor soluções de longo prazo com educação e maior igualdade. Ambas são necessárias. Tendências políticas simplificadoras, preconceituosas ou religiosas fundamentalistas costumam ver a realidade social de forma polar, maniqueísta, os bons de um lado, os ruins do outro. Não há lugar para o pluralismo, a argumentação, o debate de ideias. O que vivemos no Brasil de hoje tem a ver com uma produção intencional de polarização que leva a uma simplificação, a uma transformação da política – que deveria ser convivência e negociação – em guerra. Com o outro não se conversa, ele tem que ser destruído. Então, por trás da polarização tem um projeto político.

O que você enxerga além da polarização?

Historicamente tivemos polarizações sem redes sociais. A internet não mudou tão radicalmente o mundo. O mundo sempre foi esse, de seres humanos, mas a internet facilita esse processo de polarização, sem dúvida. E acho que existe outro elemento: uma crise profunda nas sociedades

É UM MUNDO DE IMAGENS, DE SIMPLIFICAÇÕES, DE EXTREMOS, DE UMA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO QUE GERA BOLHAS, E AS FAKE NEWS AUMENTAM

democráticas capitalistas. Esse sentimento de comunidade, de que, apesar de nossas diferenças, estamos construindo algo em comum, tem sido corroído nos últimos anos. Crises econômicas não facilitam, a desigualdade social não facilita, as transformações sociais que levam pessoas mais idosas a se sentirem distanciadas desse mundo que mudou não facilitam.

Outro aspecto que você aborda no livro é a falta de atenção e, sem atenção, não há paciência para um raciocínio complexo.

Um grande problema, do ponto de vista escolar, é a chamada epidemia do déficit de atenção. E esse déficit de atenção é simplesmente o cotidiano das crianças. Num almoço familiar, na minha juventude, todos se sentavam e havia momentos de fala e de silêncio. Hoje, cada um está com seu celular, pai, mãe e filho, e de vez em quando alguém fala algo, sem que os outros deixem de olhar o celular. Ninguém se concentra completamente em nada. E a solidão foi banida. Tem dois tipos de solidão, a solidão da época da minha adolescência, que é estar sozinho e não ter o que fazer, mas tem a solidão que é fundamental, que é o tempo que a pessoa está consigo mesma, no qual refletimos, nos damos tempo para digerir uma experiência ou tomar uma decisão. O mundo da internet faz com que as pessoas estejam sempre reagindo e nunca agindo. Agindo no sentido de se dar o tempo de refletir antes de fazer. Vivemos num mundo de reação permanente. Ler um livro por horas, que exige entrar num universo paralelo por horas, passou a ser algo paleolítico. Então, todos esses elementos apresentam desafios enormes. Entendo que temos que aceitar que

o mundo mudou. Não adianta cair no saudosismo. Trata-se de criar pontes entre gerações. Levar para os nossos descendentes experiências que são relevantes, importantes e que permaneçam no nosso acervo civilizatório. Experiências que possam enriquecer nossos filhos e netos. Os professores podem fazer essa ponte, porque eles não ensinarão o uso prático da internet para as crianças digitais, mas farão uma ponte de conhecimento, de riqueza cultural, emocional, conceitual, com um mundo construído nas relações face a face.

Como esse universo digital tem influenciado a dinâmica familiar?

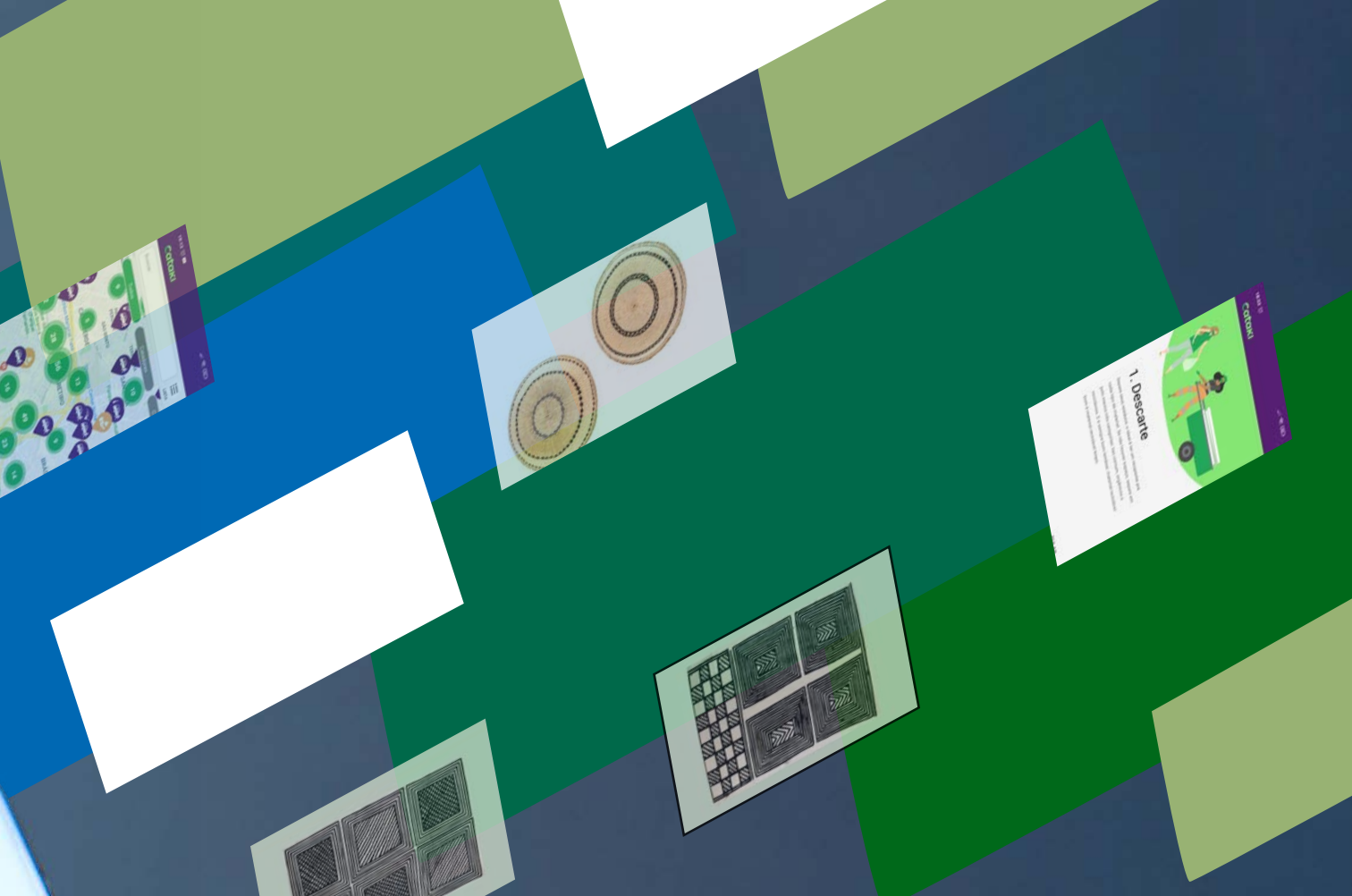
Começamos a elaborar uma versão de *Corações e Mentes* para os pais, para o universo da família. Temos que entender que a própria dinâmica familiar mudou com a revolução tecnológica, o que impõe novos desafios. Na minha infância, se tocasse o telefone, era minha mãe quem atendia e perguntava “quem está falando”, alguém respondia “quero falar com o Bernardo”, e minha mãe questionava “quem deseja falar com ele”. Só então me chamava dizendo “fulano quer falar com você”. Havia um controle familiar, de fato, sobre nosso mundo de relações. Uma criança hoje tem celular e passa a trocar mensagens ou ter acesso a qualquer informação sem que os pais tenham o mínimo de conhecimento. Em muitos países da Europa, a ideia de dar um telefone celular para uma criança não é cogitada. Mas hoje, no Brasil, se veem muitas crianças com celular, iPad ou computadores. Da mesma forma que eles eram colocados na frente da televisão para não incomodar.

O que é preciso fazer para retomar esse controle?

Temos que enfrentar o problema em múltiplas frentes, desde proteção da informação acumulada pelos bancos de dados, passando pela educação, até a forma em que se organiza o mundo do trabalho. Por exemplo, em alguns países da Europa estão começando a incluir no direito do trabalho a proibição de que sejam enviadas mensagens aos funcionários fora do horário de expediente. O direito a se desligar é um direito básico. Mas você precisa desligar o trabalho para ligar a família. Porque, quando você está numa relação presencial, a relação é olho no olho, não olho no celular. Essa relação é que cria o laço social e os sentimentos pelos outros, que estão sendo colocados em xeque. ■

Tecnologias **SOCIAIS**

FERRAMENTAS DIGITAIS PROMOVEM INCLUSÃO,
ACESSIBILIDADE E SUSTENTABILIDADE,
ENTRE OUTROS BENEFÍCIOS
PARA A POPULAÇÃO



Na palma da mão, ou melhor, pela tela de um celular, é possível acessar aplicativos gratuitos, sites, redes e outras ferramentas digitais que nos conectam a soluções. Não apenas soluções de interesse individual, mas também coletivo. Propostas para lidar com desafios como acessibilidade, gestão de resíduos, mobilidade urbana e inclusão estão ao nosso alcance. Um cenário possível e palpável graças às tecnologias sociais, que caminham na contramão de uma tecnologia voltada à maximização do lucro a qualquer custo. Assim, buscam contribuir para a resolução de questões como desemprego, desigualdade social e desequilíbrios ambientais.

Professor titular no Departamento de Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Renato Dagnino reflete sobre esse cenário, revisando, inclusive, o termo tecnologia social. Em *Tecnociência Solidária: Um Manual Estratégico* (2020), explica esse novo conceito: “Por que tecnociência solidária, e não mais tecnologia social? Porque, quando a gente fala em tecnologia, está supondo que exista um conceito chamado ciência e outro tecnologia, mas não existe essa separação. E solidária porque a gente observa que o movimento mais importante, no sentido de construir essa sociedade mais justa, é a economia solidária”.



Divulgação

Plataforma de agricultura sustentável, *Babilônia* foi desenvolvida pelo pesquisador Milton Yukio Godoy Santos no Programa de Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (Pipe) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

Em oposição à tecnociência solidária, o professor aponta que “a tecnociência capitalista está causando deterioração programada, obsolescência planejada, consumismo exacerbado, degradação ambiental e, agora, adoecimento sistêmico, com a Covid-19”. No contrafluxo dessa atuação e pensamento, a tecnociência solidária, ou tecnologia social, vem desenvolvendo plataformas digitais que fomentam outra forma de ser e estar no mundo, em meio a uma comunidade mais igualitária e sustentável.

Na prática

Pensando nisso, o pesquisador Milton Yukio Godoy Santos desenvolveu a *Babilônia*, uma plataforma de agricultura urbana sustentável cujo objetivo é viabilizar a produção de hortaliças em espaços ociosos. “Elas são cultivadas em canos contendo substratos gerados a partir da reciclagem de resíduos

orgânicos domésticos ou comerciais. A economia de água e uma melhor produtividade são alcançadas através de um sistema de irrigação inteligente e da estrutura modular e verticalizada, respectivamente”, afirma o pesquisador, que desenvolveu a plataforma no Programa de Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (Pipe) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Milton conta que, durante o desenvolvimento da plataforma, teve a oportunidade de interagir com outros empreendedores e pesquisadores envolvidos com a aplicação de tecnologias sociais. “Por exemplo, um empreendedor que desenvolveu tecnologia de baixo custo para captação de água da chuva em comunidades carentes que não possuem acesso a água tratada, e outro que desenvolve projetos de hortas comunitárias em favelas do Sudeste do Brasil”, recorda.

Para o pesquisador, cada vez mais o poder público e as grandes empresas vêm investindo em iniciativas e projetos de impacto social. “Todo esse investimento acaba atraindo e engajando pesquisadores e empreendedores para o desenvolvimento e uso de novas tecnologias que buscam a simplicidade, o baixo custo e que possam impactar positivamente a sociedade”, observa. No entanto, grande parte da evolução desse tipo de ferramenta digital ainda é oriunda de iniciativas sociais ou de negócios de impacto socioambiental.

Caso do aplicativo **Cataki**, criado pelo movimento social Pimp My Carroça (PMC), para aumentar a renda de catadores de materiais recicláveis e ampliar os índices de reciclagem no Brasil. Disponível gratuitamente, esse aplicativo, que permite a localização do profissional de reciclagem mais próximo, ganhou em 2018 o prêmio Netexplo de Inovação Digital, durante evento na sede da Unesco, em Paris. Na ocasião, ele foi apontado como a principal plataforma digital de impacto social entre as 2 mil iniciativas que concorriam à premiação.

“O *Cataki* começou em 2017, na verdade, por uma necessidade, pois muitas pessoas procuravam o PMC atrás de carroceiros e catadores que pudessem fazer serviços específicos para interessados. O *app* surgiu para atender a essa demanda, aproximando geradores e catadores de resíduos, aumentando sua reciclagem no dia a dia e, conseqüentemente, sua renda e visibilidade. Hoje o aplicativo é ainda mais do que isso: criamos diferentes tecnologias sociais em prol dessa ligação entre o gerador e o agente de coleta”, relata Patrícia Rosa, coordenadora do *Cataki*.

Nos últimos anos, desde o lançamento da ferramenta, Patrícia contabiliza benefícios para mais de 3 mil agentes de coleta em mais de 500 cidades do país. Ao todo, eles tiveram um aumento, em média, de 65% da renda. “Com o aplicativo, nós aproximamos o profissional de coleta do público, transformando positivamente a ideia muitas vezes negativa que a população tem a respeito do trabalho (dos catadores e catadoras) e das pessoas que o executam”, complementa.

Capacitação para autonomia

A Tucum Brasil é outro exemplo de iniciativa que visa à autonomia e geração de renda. Nesse caso, para povos e comunidades indígenas, como os Krahô, Yanomami e Pataxó. Criada em 2011 por Amanda Santana e Fernando Niemeyer, a empresa assessora

organizações indígenas na estruturação da cadeia produtiva do artesanato, no desenvolvimento de seus negócios, e também atua como parceira comercial na venda dos produtos. “A gente cocria tecnologias sociais para trabalhar, primeiramente, a questão da governança, para que se gere uma autonomia”, conta Amanda Rosa, sócia-fundadora e diretora criativa.

No final de 2020, a Tucum Brasil lançou o primeiro marketplace [*espécie de loja virtual*] no Brasil de artes indígenas, um projeto que estava sendo esboçado desde 2019, e que foi acelerado pela pandemia. “Tivemos que dar um curso (no ambiente virtual) de venda de artesanato online a seis organizações indígenas. Foram módulos sobre: gestão, logística, direito do consumidor, fotografia de produto e formação de comunicadores indígenas. Estamos mostrando às organizações a importância de mensurar quais impactos essa comercialização gera para dentro das aldeias, para as comunidades e na vida das mulheres (artesãs). Dessa forma, as pessoas [*quem compra no marketplace*] podem se sentir parte desse projeto”, analisa Amanda.

Enquanto a Tucum Brasil levanta resultados desde o lançamento da plataforma, a sócia-fundadora adianta que houve um retorno positivo de pelo menos três organizações. “As vendas estão fluindo bem e variam de acordo com a disponibilidade dos produtos. E nós queremos, ainda neste ano, capacitar mais grupos. Por isso, estamos buscando formas de viabilizar esse projeto para ter mais dez novos grupos em nossa plataforma”, acrescenta.

Modo contínuo

O processo de criação de uma plataforma digital ou aplicativo com foco em tecnologia social é bastante participativo, segundo a especialista em Experiência do Usuário (UX) Camilla de Godoi, da Eita – Cooperativa de Trabalho em Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão. “Anterior a qualquer tecnologia, para contribuir com a transformação ou inclusão social de um grupo, é preciso um processo de imersão e de empatia com a realidade na qual vamos interferir”, diz. “Nossos trabalhos ou serviços são sempre construídos por meio de um processo que cuida da inclusão e da colaboração com os grupos que nos procuram para desenvolver uma nova tecnologia.”

Outro aspecto essencial para a Eita, segundo Camilla, é que essas tecnologias sejam produzidas



Carroça de materiais recicláveis customizada pelo Pimp My Carroça: o movimento social já contabiliza impactos positivos desde a criação do aplicativo *Cataki*, que aumentou a renda de catadores e catadoras e ampliou os índices de reciclagem no país

como *software* livre. “Isso porque a gente acredita que, para ser contributivo ou ‘social’ por completo, os mais diferentes grupos e populações devem poder usar e adaptar essas tecnologias às suas diferentes realidades”, destaca. Um exemplo recente de plataforma criada pela cooperativa é a *Varal*, criada em parceria com educadores do Coletivo 105 (DF) para educação popular em comunidades indígenas.

“A definição das principais funcionalidades, bem como as estratégias para atingir um público que tem dificuldade de acesso à internet e a equipamentos de última geração, fez com que a pesquisa por soluções e testes tivesse uma forte participação dos usuários, assim como as metodologias de utilização dos ambientes foram adaptadas a essa realidade”, compartilha Pedro Jatobá, mestre em Gestão Social e Desenvolvimento de Territórios, que integra a Eita desde a fundação. Com mais de um ano de existência

da *Varal*, Pedro compartilha que já foram realizados cursos de agroecologia, identidade racial e de gênero, e economia solidária com estudantes de aldeias, assentamentos e quilombos do Brasil e de outros países da América Latina.

Apesar de a cooperativa Eita ter muita demanda — recentemente foi contratada pelo Instituto Internacional de Educação do Brasil (IIEB) para realizar uma instalação personalizada desta tecnologia apenas com cursos da instituição —, ainda falta reconhecimento da importância da tecnologia social. “Os principais desafios para o desenvolvimento de tecnologias sociais são o correto entendimento do problema e a criação de uma base social que garanta o uso, a continuidade da aplicação e a sustentabilidade financeira para garantir que o serviço se mantenha funcionando e que se atualize diante dos avanços tecnológicos”, finaliza Pedro.

Cooperativismo **ONLINE**

INICIATIVAS CONECTAM PESSOAS A SOLUÇÕES, SERVIÇOS E PRODUTOS

Nos mares da internet, nem sempre é possível “fisgar” soluções pensadas para uma sociedade mais igualitária, sustentável e acessível. No entanto, nas últimas décadas, plataformas digitais — aplicativos, sites e perfis em redes sociais — vêm somando alternativas para desafios como: geração de renda para pequenos empreendedores, gestão de resíduos, venda de alimentos orgânicos de pequenos produtores, entre outros. Com o objetivo de promover relações sociais, econômicas e culturais pautadas pela cooperação, solidariedade e equiparação de direitos, essas ferramentas têm o potencial de conectar, cada vez mais, pessoas a iniciativas sociais. Conheça algumas:

Recyclin

O mundo produzirá cerca de 120 milhões de resíduos eletrônicos até 2050, segundo relatório divulgado pela Coalizão das Nações Unidas sobre Lixo Eletrônico e pela Plataforma para Aceleração da Economia Circular. Esse grande problema foi o gatilho para que alunos de Engenharia de Computação da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), do polo de Garça (SP), apresentassem, em 2020 a proposta de um aplicativo para a conscientização do descarte correto dos resíduos eletrônicos nos espaços públicos. Com o nome de *Recyclin*, o *app* mostra aos usuários os locais de coleta mais próximos ou agenda a retirada dos equipamentos na própria residência, por recicladores locais. Saiba mais: <https://univesp.br/>.

Feira Virtual ABCDMRR

A área formada pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, a ABCDMRR fica na Região Metropolitana de São Paulo. Apesar de ser reconhecida como responsável pela implantação e pelo desenvolvimento da indústria automobilística no Brasil, assim como em outras áreas, ela entrou em um processo de desindustrialização, com a saída de muitas empresas do setor automobilístico. Avançam, no entanto, outros setores, como o de serviços, impulsionado pela economia solidária. A Feira Virtual ABCDMRR é resultado de oficinas realizadas pelo Sesc São Paulo e pela parceria do **Fórum Regional de Economia Solidária do ABC**: uma plataforma de comercialização online de pequenos empreendedores das áreas de artesanato, alimentação, decoração, vestuário, entre outras. Conheça: <https://economiasolidariadoabc.com.br/>.



Guiaderodas

Empresa de tecnologia a favor da acessibilidade, o Guiaderodas nasceu da necessidade de seu fundador, Bruno Mahfuz, cadeirante, de proporcionar uma vida mais autônoma e inclusiva para todos. Para isso, criou uma plataforma dedicada a informações de acessibilidade e inclusão. Tanto no aplicativo *Guiaderodas* quanto no portal, milhares de usuários pelo mundo avaliam e consultam a acessibilidade física de locais, traçam roteiros de viagens acessíveis e se informam com notícias diárias sobre acessibilidade e inclusão. O aplicativo é gratuito, colaborativo, e o usuário pode avaliar (em apenas 30 segundos) espaços no mundo inteiro. Até o momento, foram avaliados locais de mais de 2 mil cidades de 115 países. Confira: <https://guiaderodas.com/>.

Caminhos COLETIVOS

OFICINAS, CURSOS,
BATE-PAPOS E OUTRAS
AÇÕES DISCUTEM E LEVAM
CONHECIMENTO SOBRE
UM CENÁRIO ONLINE DE
ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES

Vivemos um momento único da humanidade, no qual ações realizadas por organizações não governamentais, coletivos e indivíduos engajados são necessárias para transformar positivamente a realidade, assim como as ações do Estado. Diversas iniciativas da sociedade civil têm atuado de forma colaborativa, constituindo espaços de diálogo e criação de tecnologias e estratégias de mobilização social que apontam soluções para questões emergentes em seus territórios. Para ampliar

as possibilidades de trocas de conhecimentos e práticas entre quem transforma seu território e quem deseja saber mais sobre o assunto, de 1º a 15 de agosto o Sesc São Paulo realiza o projeto *Territórios do Comum*. É uma ação em rede voltada ao tema da cidadania em suas múltiplas dimensões e possibilidades de colaboração.

A programação está dividida em dois eixos: o primeiro trata da mobilização social, do desenvolvimento de ações comunitárias voltadas para o bem comum, para a geração de renda, acessibilidade a pessoas com deficiência e sustentabilidade. Já o segundo eixo abarca as tecnologias sociais, digitais e artesanais que buscam a inclusão social e a melhoria das condições de vida em seus diversos aspectos, como alimentação, educação, energia, renda, saúde e meio ambiente. “Ao promover esse conjunto de programações com iniciativas que atuam com uma diversidade de tecnologias sociais, sejam digitais ou artesanais, esperamos difundir propostas que materializam um futuro desejável”, explica Midiã Claudio, assistente da Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc São Paulo.

Oficinas, bate-papos e outras ações apresentam caminhos para transformar nossa forma de ser e de estar no mundo, em uma postura mais cooperativa e responsável. Confira alguns destaques da programação:

ARARAQUARA

Bioconstruindo na Quebrada

Nessa série de oficinas sobre técnicas de bioconstrução, em que tanto o público da internet quanto os moradores do bairro Vale Verde, na zona norte de Araraquara, poderão aplicar o conhecimento em suas comunidades. A atividade será conduzida pelo educador Flávio Preto Rodrigues, líder comunitário e idealizador da associação Horta Comunitária da Zona Norte. Participa também a arquiteta e urbanista Bárbara Silva, bioconstrutora pelo Instituto Tibá, que atua na área da bioarquitetura com desenvolvimento de projetos de baixo impacto ambiental, gerenciamento de obras e capacitação em tecnologias de construção com terra e saneamento ecológico. (De 1 a 15/8, domingos, das 14h às 15h. No Instagram e Facebook do Sesc Araraquara. www.instagram.com/sescararaquara | www.facebook.com/sescararaquara)



Pedro, Pastel & Besouro | Estúdio de Desenho

AVENIDA PAULISTA

Plataformas de Cooperativismo: Uma Alternativa Possível?

Esse curso tem como objetivo apresentar exemplos de tecnologias sociais aplicadas em plataformas digitais. São aplicativos, sites e perfis em redes sociais utilizados por iniciativas que visam à promoção de relações sociais, econômicas e culturais pautadas pela cooperação, solidariedade e equiparação de direitos. Participarão dos encontros representantes do Recycle Mais, Recyclin, Castanhadora, Tucum – Marketplace das Artes Indígenas, Alerta Indígena Covid-19, Coletivo Señoritas, Pedal Express, Guiaderodas, Hand Talk, Telepatix, CPQD Alcance +, Artesol e Design Possível. (De 11/08 a 22/09, quartas-feiras, das 19h às 21h30. Inscrições a partir de 03/08, às 14h, em inscricoes.sescsp.org.br)



Camilla Wanderley

INTERLAGOS

Tecnologias Sociais e Energias Sustentáveis – Biodigestor de Baixo Custo

Nesse curso de tecnologias sociais e energias sustentáveis, o pesquisador e inventor Fábio Miranda (Instituto Favela da Paz – Periferia Sustentável) apresenta aos membros da Cooperpac (Cooperativa de Catadores Seletivos do Parque Cocaia) como construir um biodigestor de baixo custo, instalando na cooperativa um protótipo que produzirá gás de cozinha a partir de resíduos orgânicos, como sobras de alimentos. Fábio Miranda é gestor de Projetos em Tecnologias Sustentáveis e já desenvolveu múltiplos sistemas de energias sustentáveis, além de processos de conscientização ambiental e propagação de estratégias para uma cultura de paz. Criou o projeto Periferia Sustentável, cujo foco é a implementação de sistemas de energias renováveis e funcionais em comunidades periféricas em todo o Brasil. (Dias 04/08, quarta-feira, das 13h às 16h e 06/08, sexta-feira, das 10h às 16h. Vagas destinadas aos cooperados da Cooperpac)

VÁRIAS UNIDADES

Bike-a-thon Território Centro

Apesar de a bicicleta ser um dos veículos de transporte mais baratos e sustentáveis, ainda enfrenta desafios para ser incorporada às propostas de mobilidade urbana e direito à cidade. Nesse contexto, e inspiradas nas maratonas *hackers*, as unidades 24 de Maio, Bom Retiro, Carmo, Consolação, Florêncio de Abreu e Parque D. Pedro II realizarão o *Bike-a-thon Território Centro*, encontro que pretende reunir especialistas e iniciativas para criação de projetos e soluções aplicáveis para o uso da bicicleta no centro de São Paulo. O lançamento da ação acontecerá dia 11/8, às 19h, no YouTube do [Sesc Consolação](#) e [Sesc 24 de Maio](#), e as mentorias serão realizadas via Zoom. (Inscrições de projetos a partir de agosto)

Mais informações: www.sescsp.org.br/territoriosdocomum

O arquiteto dos ENCONTROS

A VIDA E OS PROJETOS

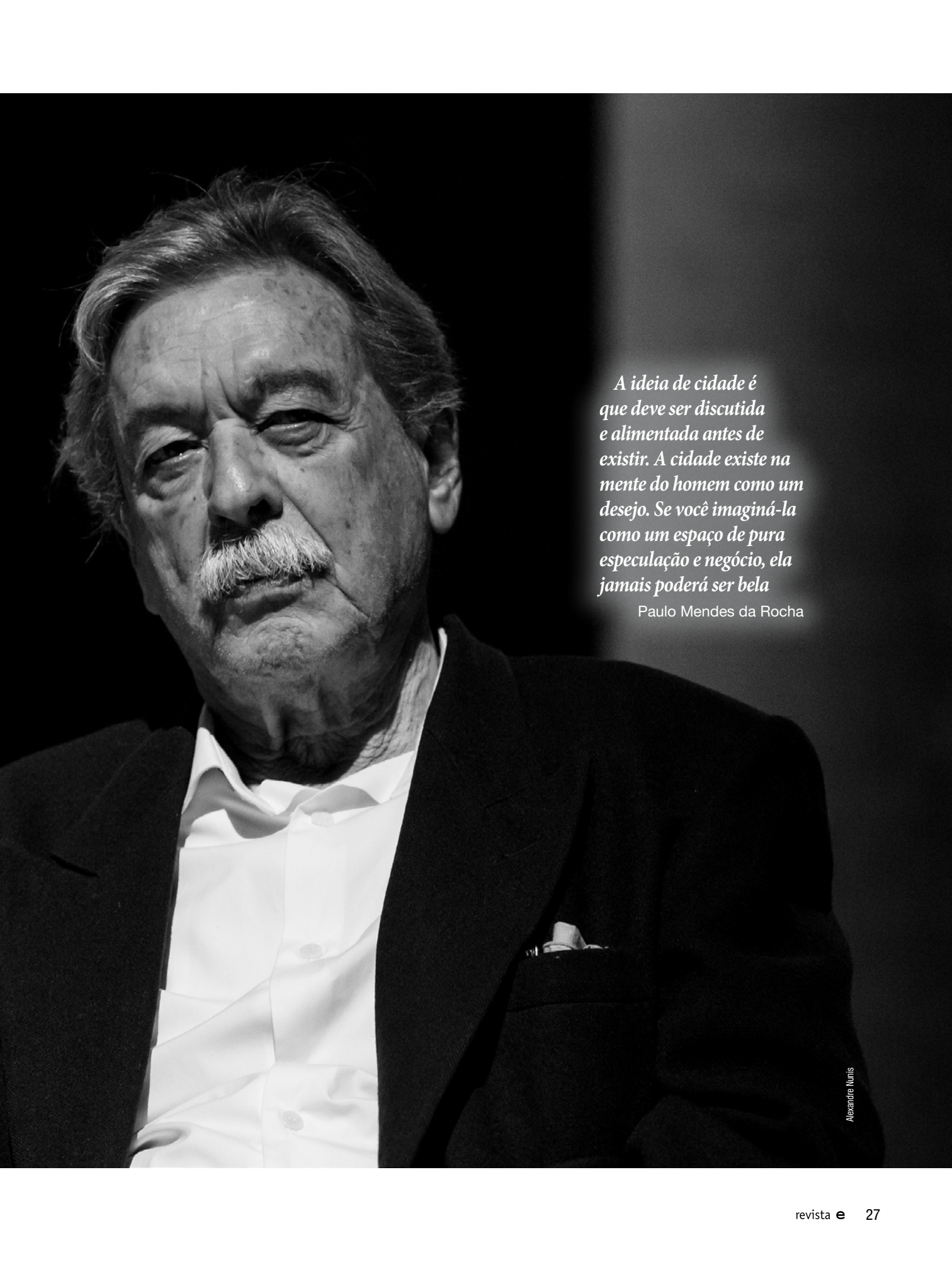
MAGISTRAIS DE PAULO

MENDES DA ROCHA

Uma praia urbana a ser erguida na Praça da República, tradicional endereço na região central de São Paulo. Essa foi uma das propostas para a capital paulista imaginadas, um dia, pelo arquiteto, urbanista e professor Paulo Mendes da Rocha. “Um trecho de Ipanema, digamos, com duas praias, dois solários (espaço para tomar sol) e com uma piscina no centro, do tamanho da praça”, detalhou o criador capixaba, em 2018, em depoimento por ocasião da mostra *Ocupação Paulo Mendes da Rocha*, do Itaú Cultural. Da mente ao traço, a carreira de um dos mais reverenciados nomes da arquitetura brasileira sempre esteve voltada a oferecer espaços para todos – e onde todos pudessem, sobretudo, interagir livremente.

“A visão de cidade de Paulo Mendes Rocha era fortemente baseada em criar condições de vida urbana intensa”, explica a professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) Regina Meyer. “Assim, ele negava através de seus projetos as formas exacerbadas e crescentes de separação entre o *espaço público* e o *privado*. Criar e recriar continuidades dentro da cidade era um mantra.”

A docente acrescenta que o arquiteto, que seguia a vertente modernista, não era contra os meios contemporâneos de mobilidade, mas não apoiava a forma desgovernada como os carros invadiram as cidades. “O fundamental para ele era que os espaços urbanos permanecessem abertos, que oferecessem sempre caminhos franqueados aos pedestres”, reflete.

A black and white portrait of Paulo Mendes da Rocha, an elderly man with a mustache, wearing a dark suit jacket over a white shirt. He is looking slightly to the left of the camera with a thoughtful expression. The background is dark and out of focus.

*A ideia de cidade é
que deve ser discutida
e alimentada antes de
existir. A cidade existe na
mente do homem como um
desejo. Se você imaginá-la
como um espaço de pura
especulação e negócio, ela
jamais poderá ser bela*

Paulo Mendes da Rocha

ESBOÇOS INICIAIS

Mendes da Rocha se formou em 1954, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, e é parte da geração de modernistas influenciados pelo curitibano João Batista Vilanova Artigas (1915-1985), pilar da chamada Escola Paulista ou Brutalismo Paulista. No início dos anos 1960, atuou como assistente de Artigas no Departamento de Projetos da FAU, a convite do mentor. Àquela altura, o promissor arquiteto já havia assinado o projeto do ginásio do Club Athletico Paulistano, com o então sócio, João Eduardo de Gennaro (1928-2013), e se destacava pelo desenho apurado, pela ênfase nas soluções estruturais de grande porte, pelo marcante emprego do concreto armado e pelo uso de materiais em estado bruto.

A trajetória na FAU seria interrompida de maneira precoce, em 1969, quando foi cassado, com outros 65 professores da universidade, após a publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Voltou à sala de aula em 1980, com a anistia política, na condição de auxiliar de ensino. Permaneceu na função até 1998, quando se tornou professor titular, ano em que também foi aposentado compulsoriamente, aos 70 anos. O arquiteto retornou à instituição, nos anos seguintes, como professor convidado das disciplinas de projeto de edificações, na maioria das vezes como ministrante de prestigiadas aulas inaugurais. Em 2010, recebeu o título de professor emérito.

INTERVIR NA CIDADE

Com a redemocratização, Paulo Mendes da Rocha viveu uma nova etapa de reconhecimento público de sua obra, com projetos como o Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), finalizado em 1995, e a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo (*leia boxe Poesia bruta*), instalada no edifício neoclássico desenhado pelo engenheiro e arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928).

“Seus projetos arquitetônicos produzem efeitos positivos na cidade, em qualquer lugar onde estejam implantados. Os exemplos estão presentes na consideração ampla que ele fazia diante de cada um dos desafios que enfrentou ao implantar um novo edifício, como é o caso do Museu da Escultura, ou de refuncionalizar uma histórica edificação existente, como foram os casos da Pinacoteca do Estado e do mais recente, quase revolucionário, exemplo presente no Sesc 24 de Maio”, pontua Regina Meyer.

A capacidade de pensar a partir de novas perspectivas rendeu ao arquiteto reconhecimentos diversos, como o prêmio Pritzker, considerado o Nobel



Matheus José Maria

Arquitetos somos todos nós. Como forma de conhecimento, todos nós somos arquitetos

P. M. R.

da arquitetura, em 2006. Foi o segundo brasileiro a receber a honraria – o primeiro foi Oscar Niemeyer, laureado em 1988. Rocha recebeu, ainda, o prêmio Mies van der Rohe para a América Latina, o Leão de Ouro da Bienal de Veneza e a Medalha de Ouro do Royal Institute of British Architects.

A FORMA E O VERBO

O professor livre-docente da FAU Rodrigo Queiroz lembra a vocação de Mendes da Rocha em sala de aula. “Para além do seu talento excepcional e da sua



Os donos do dinheiro vão para condomínios fechados, onde eles podem ter cacos de vidro nos muros, cachorros ferozes e um exército de funcionários armados para defendê-los. Defender do quê? Eles já abandonaram a cidade. Que ela seja, então, do povo. Eu tenho a impressão de que o futuro do mundo será feito pelos que vêm de baixo. Aqueles que compreendem as virtudes da cidade

P. M. R.

proficiência profissional, Mendes da Rocha foi um homem da palavra, exímio orador, um professor no seu melhor sentido”, relata. “As imagens construídas pelo seu discurso se equivalem à sua arquitetura. A mistura equilibrada entre indignação, senso de humor e carisma deu feição a uma visão de mundo que conquistou gerações e continuará conquistando.”

Queiroz comenta o lugar do discurso e do pensamento de Mendes da Rocha à luz do momento atual, considerando as novas modalidades de convivência e de troca de conhecimento advindas das

transformações resultantes da pandemia, a partir de uma definição cunhada pelo próprio arquiteto, que morreu em 23 de maio, aos 92 anos, em decorrência de um câncer no pulmão: *a arquitetura como amparo para a imprevisibilidade da vida*. “De certa forma, as mudanças decorrentes da pandemia aceleraram nossa consciência acerca do caráter da arquitetura segundo Mendes da Rocha”, pontua o professor. “Esse *amparo para a imprevisibilidade da vida* consiste justamente na condição desejável da arquitetura de receber os mais diversos usos e se adaptar às mais variadas funções.” ■

Poesia bruta

UM LEGADO EMBLEMÁTICO ESPALHADO PELO MUNDO

Paulo Mendes da Rocha criou projetos que são lições para o urbanismo contemporâneo. Conheça as principais obras que têm a assinatura do arquiteto.

Ginásio do Club Athletico Paulistano (1961)

A quadra poliesportiva é sustentada por seis pilares, presos à marquise, proporcionando a impressão de flutuar. Na cobertura metálica, uma claraboia translúcida. O projeto recebeu o grande prêmio internacional de arquitetura na Bienal de São Paulo de 1961.

Rua Honduras, 1400, Jardim América, São Paulo (SP).

Estádio do Governo de Goiás – Serra Dourada (1975)

No interior, grandes vãos, vigas contínuas, planos de marquises e arquibancadas.

Avenida Fued José Sebba, 1170, Jardim Goiás, Goiânia (GO).

Capela de São Pedro Apóstolo (1988)

O vidro é o destaque da obra, cuja estrutura está apoiada em um pilar central, em concreto armado.

Rua Dr. Miguel de Campos Júnior, Jardim Dirce, Campos do Jordão (SP).

MuBE - Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (1995)

O prédio é reconhecido como um marco da arquitetura mundial, e conta também com jardim assinado por Roberto Burle Marx.

Rua Alemanha, 221, Jardim Europa, São Paulo (SP).



Nelson Kon

Centro Cultural da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) Ruth Cardoso (1998)

Um dos marcos da intervenção do arquiteto foi a recuperação da distância original entre o asfalto e a entrada principal do edifício.

Avenida Paulista, 1313, Cerqueira César, São Paulo (SP).

Pinacoteca do Estado de São Paulo (1998)

A reforma projetada por Paulo Mendes da Rocha cobriu os vazios internos do edifício com claraboias de aço e vidro laminado, e interligou os pátios laterais por meio de passarelas metálicas.

Praça da Luz, 2, Luz, São Paulo (SP).



Nelson Kon



Nelson Kon

Marquise da Praça do Patriarca – Entrada e saída da Galeria Prestes Maia (2002)

Provavelmente o mais controverso dos projetos de Mendes da Rocha. Composto por um átrio metálico, com 40 metros de vão, onde antes havia um terminal de ônibus.

Praça do Patriarca, s/n, Sé, São Paulo (SP).

Estação da Luz – Museu da Língua Portuguesa (2006)

O projeto arquitetônico do museu interativo é assinado por Paulo e Pedro Mendes da Rocha, pai e filho. O museu foi reconstruído depois de ser atingido por um incêndio em 2015 e reaberto ao público em 2021.

Praça da Luz, s/n, Luz, São Paulo (SP).

MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal (2010)

Reúne grande acervo sobre mineração e metalurgia, temas profundamente ligados à história do Estado de Minas Gerais. Possui volumes envidraçados e blocos em forma de U, para melhor circulação interna.

Praça da Liberdade, s/n, Funcionários, Belo Horizonte (MG).

Museu Nacional dos Coches (2015)

O projeto é composto por um pavilhão principal, nave suspensa para abrigar exposições e um anexo. Rampas permitem a passagem pública dos pedestres.

Praça Afonso de Albuquerque, 1300-004, Lisboa, Portugal.

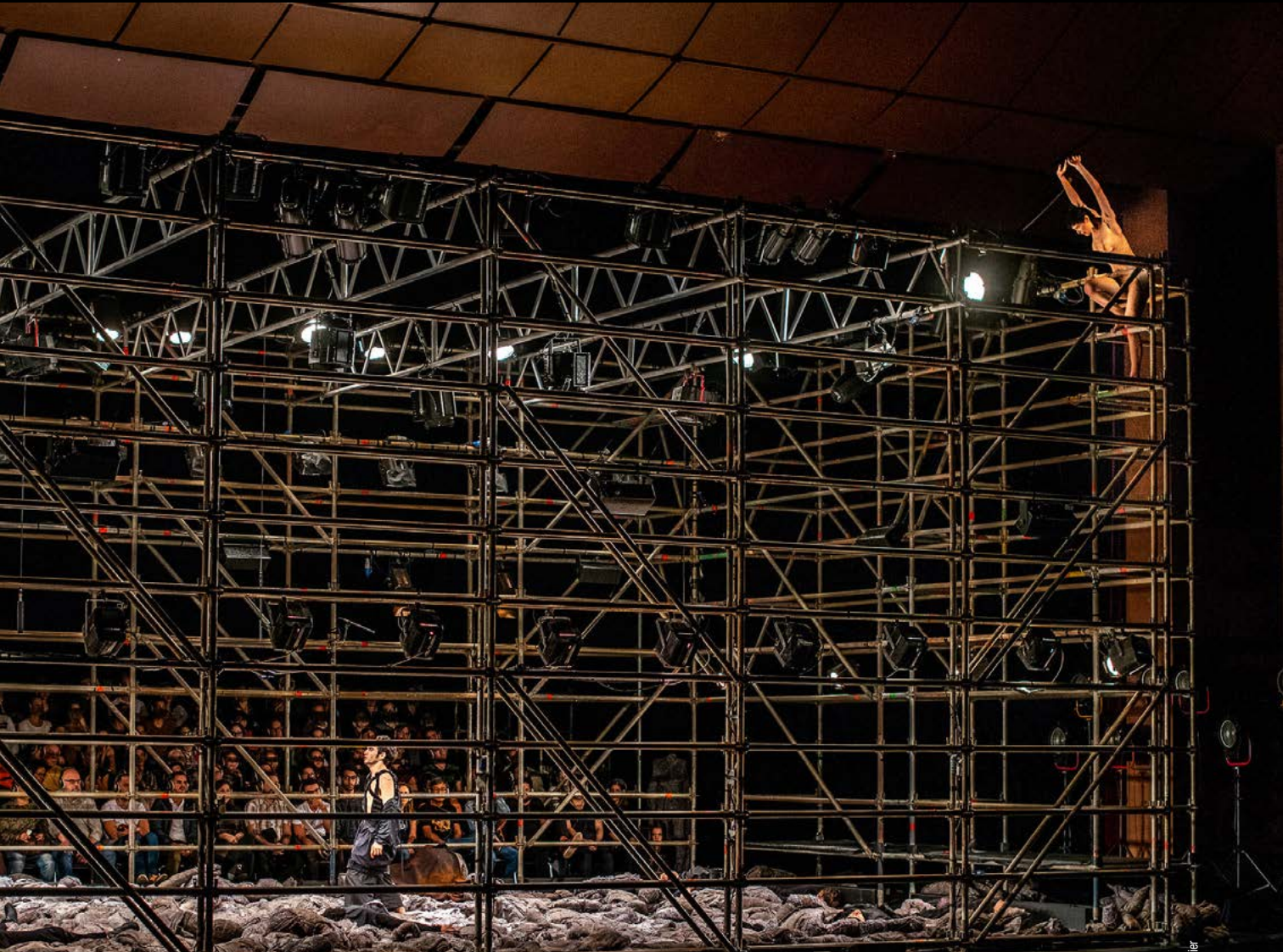
Sesc 24 de Maio (2017)

Construída aproveitando a estrutura do antigo prédio-sede das lojas Mesbla, a unidade possui 13 andares, dois subsolos, térreo com área para circulação e, na cobertura, uma piscina de 625 m² (leia boxe A última das obras-primas).

Rua 24 de Maio, 109, República, São Paulo (SP).



Nelson Kon



Construções no palco

Cena de *Grande Sertão: Veredas* (2017)

A FACETA CENÓGRAFO DE UM GÊNIO DO TRAÇO

Paulo Mendes da Rocha projetou sete cenários para teatro e ópera. Trabalhos que evocavam uma ambiência como linguagem e revelavam sua profunda interpretação e reflexão crítica em relação a cada uma das narrativas textuais apresentadas nos espetáculos, como explica a arquiteta e urbanista Fernanda Ferreira, autora de dissertação sobre a vertente cenográfica na obra de Mendes da Rocha.

“Dessa relação entre arquitetura e teatro criaram-se, sobretudo, cenários móveis, com forte carga humana e antropológica, fundamentados em um discurso que buscava interpretar o mundo e propor formas amparadas nos mais diversos territórios de conhecimento”, diz a pesquisadora.

O arquiteto assinou quatro trabalhos em parceria com a diretora paulistana Bia Lessa: *Sour Angélica* (em 1990, 1992 e 1995), *Futebol e O Homem sem Qualidades* (1994) e *Grande Sertão: Veredas* (2017). Projetou, ainda, a cenografia das óperas de Giacomo Puccini (1858-1924) *Il Tabarro*, sob direção de Jorge Takla (1992 e 1995), e *Gianni Schicchi*, com direção de Gabriel Vilella (1992) e Hamilton Vaz Pereira (1995). *A Ópera dos 500 Anos*, dirigida por Naum Alves de Souza (1992), também possui cenários de sua autoria.

A última das obras-primas

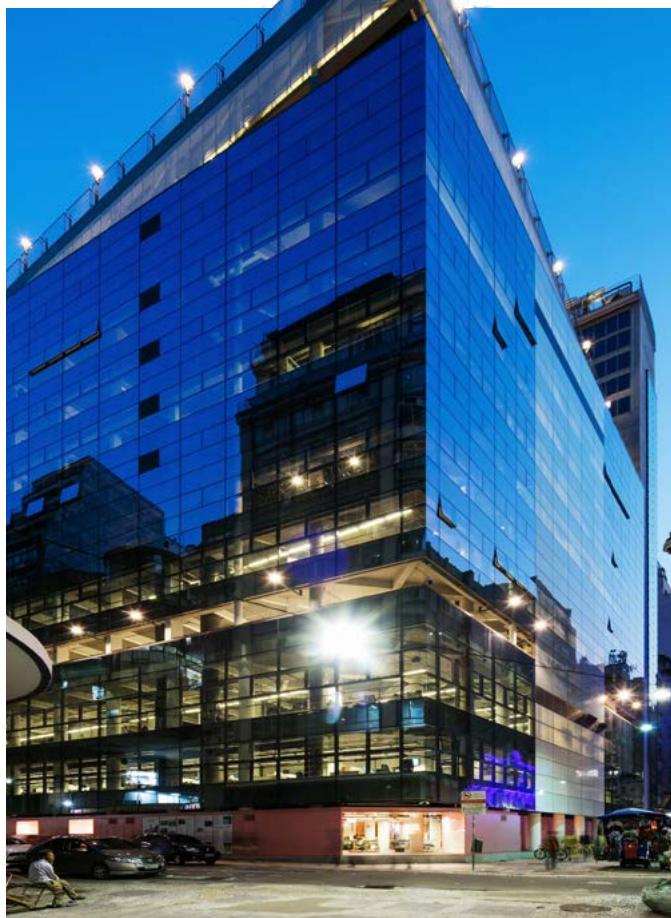
SESC 24 DE MAIO SINTETIZA
A BUSCA POR UMA ARQUITETURA
SOCIAL QUE PERMEOU
A TRAJETÓRIA DO MESTRE

No centro histórico de São Paulo está ancorando um dos projetos em que melhor se manifestam o raciocínio, a filosofia e a técnica de Paulo Mendes da Rocha. O Sesc 24 de Maio, inaugurado em agosto de 2017, após uma reforma iniciada oito anos antes, é resultado da colaboração do criador com o escritório MMBB, formado pelos arquitetos Marta Moreira e Milton Braga. “O projeto arquitetônico propõe uma dinâmica de permeabilidade com a metrópole, o prédio é repleto de vãos, de espaços vazados que trazem a cidade para dentro: os andares foram concebidos como um conjunto de 13 *praças sobrepostas*”, informa Thiago Freire, gerente adjunto da unidade.

“As rampas que interligam os pavimentos se oferecem como uma extensão da rua. O térreo é basicamente uma galeria que permite a travessia entre a Rua 24 de Maio e a Rua Dom José de Barros, a exemplo de tantas outras historicamente existentes nos arredores: uma área privada que se transforma em espaço público, de passagem e de permanência”, destaca Freire. As entradas distribuídas em diversos pontos do piso térreo reforçam a relação entre o contexto urbano e o edifício.

O Sesc adquiriu o prédio da antiga Mesbla assim que a loja encerrou suas atividades, entre 1999 e 2000. “Naquele momento, a aquisição foi vista como a oportunidade de instalar uma unidade de grande porte, capaz de receber e desenvolver todos os programas da instituição e de atender ao volume de pessoas que frequentam e trabalham na região central”, comenta o gerente adjunto.

Durante a pandemia, a unidade está oferecendo os seus serviços de maneira limitada, a exemplo das outras unidades do Sesc no Estado de São Paulo e sempre de acordo com todas as normas sanitárias e os protocolos de segurança. Para conhecer os serviços atualmente disponíveis, acesse: sescsp.org.br/24demaio.





Para contemplar e CUIDAR

REGISTROS FOTOGRÁFICOS
CAPTAM A BELEZA E A POESIA DE
RESERVA NATURAL NA MATA ATLÂNTICA

A natureza surpreendente do litoral de São Paulo é generosa com visitantes e moradores. Paisagens de tirar o fôlego, emolduradas pela Mata Atlântica, dão a tônica da região. Desde 2016, a Reserva Natural Sesc Bertiooga é parte desse conjunto privilegiado. Localizado na zona urbana do município de Bertiooga, a 113 quilômetros da capital paulista, o espaço reúne mais de 580 espécies de plantas e animais, em uma área de aproximadamente 60 hectares de floresta de alta restinga (ecossistema típico de regiões costeiras), e possui uma equipe de educadores ambientais que realiza diversos projetos educativos envolvendo as comunidades da vizinhança e públicos interessados no tema.

Observadas de perto, a flora e fauna impressionam pela beleza peculiar, resultado do trabalho contínuo de proteção dos remanescentes de vegetação nativa desenvolvido pelo Sesc, por meio de múltiplas ações educativas que são vitais para estimular a atuação cidadã e, assim, garantir qualidade de vida atual e futura.

PROTEGER E CONSERVAR A BIODIVERSIDADE

A Reserva é uma área natural protegida privada e de uso sustentável. Em outras palavras, é um espaço geográfico planejado e gerido pelo Sesc SP com a finalidade de conservar e cuidar do patrimônio natural, integrando a sociedade neste processo.

De acordo com seu plano de manejo, documento de referência para sua gestão, a Reserva tem como objetivos a ação educativa, a proteção da biodiversidade, a valorização das comunidades e culturas locais, além do incentivo às pesquisas científicas e o diálogo com outras Unidades de Conservação.

Gabriela Graça Ferreira, da Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc São Paulo avalia a importância desse processo. “A ação realizada é uma contribuição concreta para a agenda socioambiental local, ao promover vivências educativas que fortaleçam os vínculos das pessoas com os ambientes naturais. Além disso, cria-se um corredor ecológico que amplia a conexão dessa reserva urbana com outras áreas naturais protegidas do município, como os parques estaduais Serra do Mar e Restinga de Bertiooga.”

Essa diversidade foi também registrada no livro *Aves de Bertiooga* (Edições Sesc São Paulo), de 2012. A obra, organizada por Cristiane Demétrio e Luiz Sanfilippo, traz mais de 100 espécies de aves que habitam a área verde do Sesc Bertiooga, mapeadas pelo projeto Avifauna. Composta por imagens e informações sobre características físicas, hábitos alimentares e reprodução das aves, a publicação ainda orienta como atraí-las e observá-las em seu habitat. ■

◀ Espécie vegetal presente na Reserva, área de floresta alta de restinga, ecossistema do bioma Mata Atlântica







Perereca-do-litoral (*Scinax littoralis*)

ACESSO AOS ENCANTOS DA NATUREZA

TRILHA ACESSÍVEL DO SENTIR PROPÕE VIVÊNCIAS SENSORIAIS COM A VEGETAÇÃO NATIVA


No meio da floresta, 950 metros de trilha suspensa levam o visitante a caminhar pelo arvoredo, para observar, sem pressa, espécimes de um dos ecossistemas mais ameaçados do planeta, a Mata Atlântica. Essa é a proposta da *Trilha Acessível do Sentir*, que irá reabrir em momento seguro em termos sanitários, planejada e executada com base na arquitetura com desenho universal, que busca permitir o acesso à pessoa com ou sem deficiência. Com pisos e corrimãos em madeira, o local está sinalizado com placas interpretativas, possui recursos de acessibilidade e conta com a mediação de educadores ambientais. “A concepção do traçado e dos atrativos da trilha foi realizada de forma participativa, com representantes comunitários,

especialistas em acessibilidade e em trilhas, membros do poder público, pesquisadores universitários e funcionários de diferentes equipes do Sesc”, explica Gabriela Graça Ferreira. Essa área natural protegida também incluirá um espaço receptivo, composto por estruturas expositivas sobre a Reserva, uma geodésica para rodas de conversa e atividades artísticas, e o *Jardim das Brincadeiras*, que será voltado ao público infantil. A comunidade, por sua vez, foi a responsável pela escolha do nome da trilha, em votação realizada pelas redes sociais.

Enquanto isso, as pessoas podem visitar virtualmente a Reserva pelas plataformas digitais do Sesc SP:

Mais informações: sescsp.org.br/reservanatural





Recentemente, foram identificadas 62 espécies de plantas segundo o botânico Luccas Rigueiral, que realizou o estudo



Acervo Ecofuturo/ Rataal Vieira Nunes

Espécie de louva-a-deus (*Dyctioptera: Mantidae*)



Mar Franz

A restinga é um importante ecossistema do bioma Mata Atlântica, presente ao longo de todo o litoral brasileiro



Acervo Ecológico João Giovanelli

Perereca-verde
(*Hypsiboas
albomarginatus*)



Gustavo Xavier



Ascrio Ecocultura/ Rafael Meira Nunes

Espécie da família dos besouros, conhecida como “gorgulho”.
(*Amerhynus aff. inca* – Coleoptera: Curculionidae)



Gustavo Xavier

Espécie de besouro



Acervo Ecológico/ Bruno Ferreira & Marcelo Ueliana Prado

Borboleta (*Archaeoprepona demopoon antimache*)



Acervo Ecológico/ João Governelli

Aranha (*Araneae*)



Gustavo Xavier



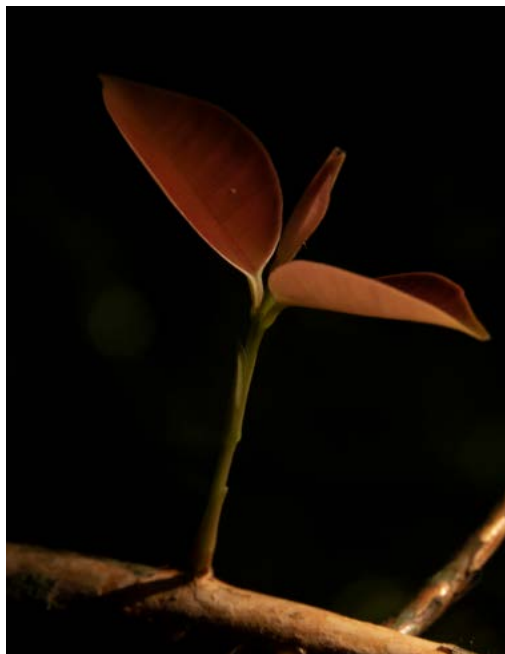
GUSTAVO XAVIER



GUSTAVO XAVIER



Gustavo Xavier



Gustavo Xavier



Acarvo Ecológico / Luis Vicente Buló

Flores da árvore Jacatirão (*Huberia ovalifolia* DC)



ANTONIO RAMÍREZ



Gustavo Xavier

◀ Gavião-bombachinha
(*Harpagus diodon*)

Rãzinha-do-folhico
(*Physalaemus bokermanni*)

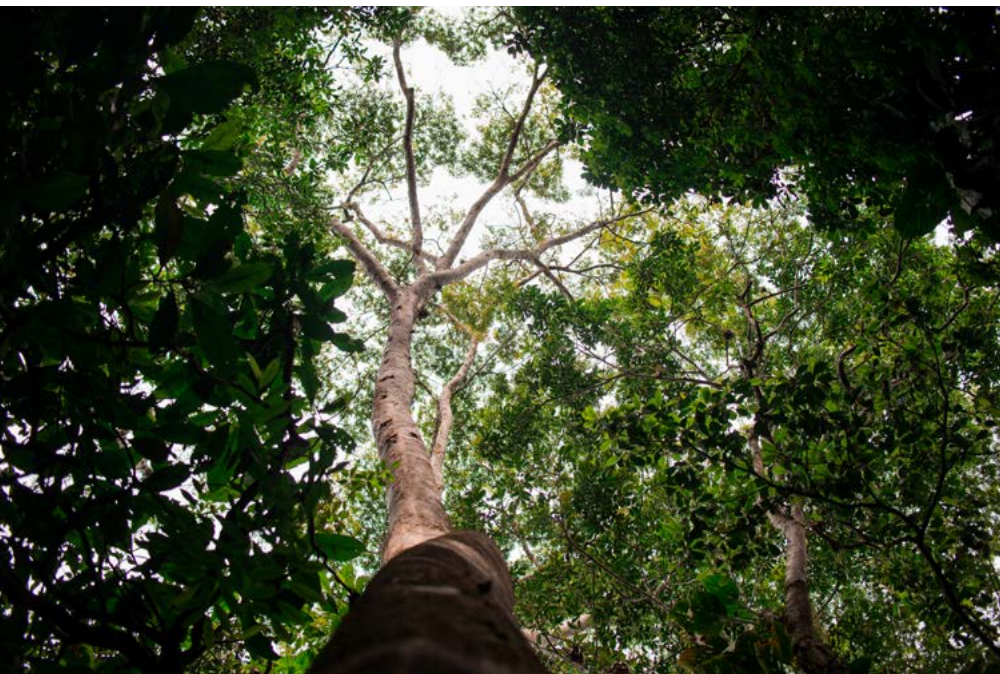


Gustavo Xavier



Fotomativa

A trilha suspensa protege e permite a observação do solo, que é arenoso, cheio de raízes expostas, com matéria orgânica incorporada sob camadas de folhas

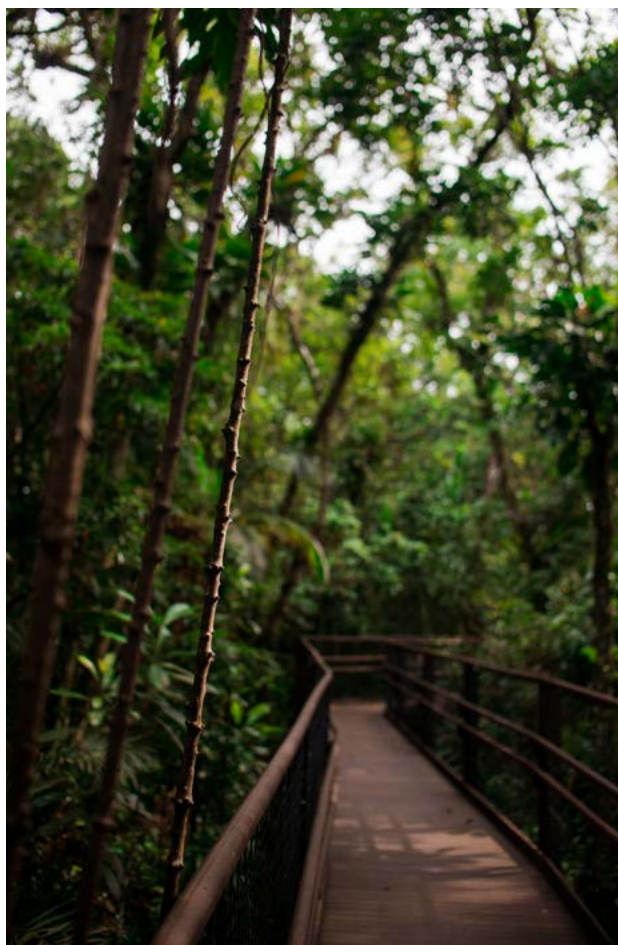


Fotomativa

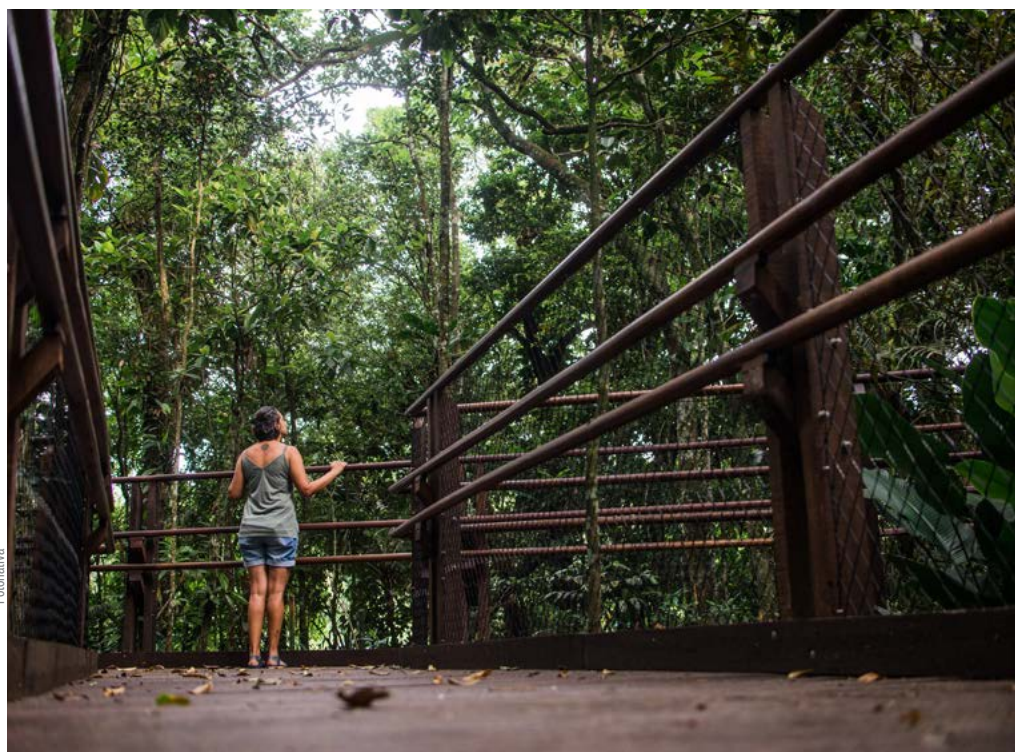
Árvores de copa achatada são emblemáticas na Reserva e podem servir como moradia temporária de diversos animais. A imponente Timboúva (*Albizia pedicellaris*), de grandes dimensões, se destaca na paisagem de Mata Atlântica



Uma espécie comum da Mata Atlântica e presente na Reserva é o Pinheiro-bravo (*Podocarpus sellowii*), um representante vivo de um antigo grupo de plantas pré-históricas da região



Fotomativa



Fotomativa



Ignácio Atonovich

“Queria ser uma ave para lá do alto observar as belezas naturais de Bertioga com seus rios que formam cachoeiras na sua serra e deságuam no mar, não sem antes serpentearem sua planície rica em ecossistemas, que temos a responsabilidade de proteger, como parte da alta restinga que forma a Reserva Natural Sesc Bertioga”

Emerson Luis Costa – Supervisor da Reserva Natural Sesc Bertioga



PICADEIRO



Reprodução

Cena de episódio da série *Corpos em Quarentena*, do Sesc Campinas, com o artista circense Ivens Burg, da Família Burg: episódio mostra como o grupo tem se reinventado na pandemia

VIRTUAL

ARTISTAS E GRUPOS DE CIRCO TRANSFORMAM A TELA
EM PALCO E LEVAM ALEGRIA PARA DENTRO
DE CASA: É SÓ APERTAR O PLAY

“Com vocês: o balé das águas”, anuncia a palhaça Pamplona. Na mesma hora, o palhaço Claudius torce o nariz e alerta a colega: “Estamos em casa, sem chafariz! O jeito é cancelar esse último número”. Pamplona insiste e saca do bolso desenhos em papel dos dois, em trajes de bailarina, num *pas de deux*, e diz: “Já que estamos em tempos de adaptação, vamos adaptar”. Do outro lado da tela, as risadas dos espectadores ganham vida, só que expressas em letras garrafais na caixa de texto do canal do YouTube do Sesc São Paulo, durante a transmissão do espetáculo *É Mesmo uma Palhaçada*, com Gabi Zanola e Renato Ribeiro, integrantes da Trupe DuNavô (*leia boxe* Respeitável público!). Assim como eles, diversos artistas circenses tiveram que adaptar, ou criar, durante a pandemia, apresentações bem diferentes daquelas que contavam com um amplo espaço e, principalmente, a presença do público. Mesmo diante da necessidade de recolher a lona e desmontar o picadeiro, o circo não saiu de cena.

“Neste ano e meio de pandemia, tudo mudou, e tivemos que entender como nos comunicar com o público a distância. Então, foi um baque muito grande, a princípio. Mas, como o show não pode parar, resolvemos estudar e entender como levar nossas produções para as pessoas em casa e, aí, obviamente, a internet é o meio mais democrático para isso”, explica a atriz Gislaïne Pereira, integrante da Trupe DuNavô, que celebra 11 anos dedicados à arte da palhaçaria.

A trupe paulista, formada ainda por um quarto integrante, Vinicius Ramos, sempre fez uso do espaço urbano para criar. A matéria-prima vinha dessa interação que se estabelece entre o palhaço e o público. Desde o ano passado, no entanto, o aprendizado é fazer esse processo criativo caber numa tela. “Percebemos que aquilo que se apresenta em vídeo é completamente diferente do que fazemos presencialmente. Tudo muda: dramaturgia, encenação, luz, composição de cena... É um universo totalmente novo, mas ao qual, honrando a tradição do circo, estamos aprendendo a nos adaptar”, compartilha Gislaïne.

A rotina de ensaios e encontros também mudou drasticamente. “Todas as nossas reuniões agora são feitas pelo Zoom (plataforma de videochamada), e começamos a adaptar a maioria das nossas produções para o ambiente virtual. Alguns espetáculos do nosso repertório passaram para apresentações online e os novos já foram pensados para esse meio”, complementa a atriz.





Divulgação

Em turnê com o solo *Altissonante*, a artista Lu Menin (Cia. Barnabô) teve que cancelar os espetáculos presenciais e apresentá-los do quintal de casa, transmitindo-os pela internet

MALABARISMO EM CASA

Famílias circenses também vivem uma nova rotina de *lives*, *likes* e caixas de comentários em redes e plataformas digitais. Caso da Cia. Barnabô, formada pelos artistas Lu Menin e Pablo Nordio, que estava em turnê com o solo *Altissonante*, acompanhado de oficinas, quando a pandemia impediu as apresentações nas últimas três cidades. O jeito foi levar o espetáculo e oficinas para o quintal de casa, em Cotia (SP). “Chamamos uma equipe especializada, com três câmeras e uma mesa de edição: nos parecia grave passar o circo para a tela com uma câmera parada. Com essa equipe de audiovisual, conseguimos, com um ensaio de direção de câmera, transmitir o espetáculo (em movimento), entre tomadas de detalhes e plano aberto. Flexibilizamos e ampliamos nosso olhar, concluimos o projeto de circulação, e demos início a esta nova jornada: Circo na Tela. É uma parceria que veio para ficar”, comemora Lu. A companhia também readequou as oficinas para uma plataforma de videochamada.

Os filhos do casal de artistas circenses, Gael, 11 anos, e Guido, 7, estão entre os que gostaram da novidade. Afinal, todos os materiais dos espetáculos da Cia. Barnabô estavam ao alcance para que eles também brincassem de circo. Enquanto isso, os pais se alternam entre os cuidados com as crianças, as atividades domésticas e, claro, os ensaios. “É como eu digo: movimento gera movimento. A partir daí, foram surgindo possibilidades de festivais online, outras *lives* e até mesmo um minidoc da Família Barnabô em parceria com o Sesc Santos (*leia boxe Respeitável público!*), no qual contamos nossa história”, destaca.

RISADAS EM CAPS LOCK

O olho no olho, as palmas e os risos da plateia funcionam como um termômetro para os números de palhaçaria, malabarismo, acrobacia e outras expressões dessa linguagem artística. Na pandemia, esses elementos importantes tiveram que sair de cena, ou melhor, se adaptar à linguagem de *likes* e comentários. “As primeiras apresentações que fizemos dos espetáculos em vídeo foram muito estranhas. Dava uma sensação de vazio, de que as piadas haviam *flopado*, mas aos poucos fomos entendendo que o *timing* (no ambiente virtual) é muito diferente e nos afastamos da necessidade de ter a reação instantânea do público”, recorda Gislaine, da Trupe DuNavô.

Para a artista Lu Menin, essa interação face a face é do que ela mais sente falta. “Ainda sofremos com a ausência de público direto, dos *timings* de resposta imediata. Mas, ao mesmo tempo, mantivemos a positividade e a crença no que fazemos. De alguma forma, preservamos o contato e, literalmente, ampliamos muito nossa rede por meio do digital”, pondera.

DESENCAIXOTAR SONHOS

Enquanto há necessidade de restrição social, o circo se mantém vivo em nosso bolso ou na nossa casa. E grupos como a Trupe DuNavô e a Cia. Barnabô não deixam de sonhar com o porvir. “Há sete meses, a Cia. Barnabô fez uma grande mudança de vida. Depois de 18 anos em Cotia, viemos para São Bento do Sapucaí. Com isso, nossos planos de retomada têm a ver com trazer o circo para a Serra da Mantiqueira, usufruindo de uma vida mais simples e em uma cidade pequena. E, claro, queremos retomar os planos de viagens”, revela Lu Menin.

Gislaine também adianta que a trupe paulista planeja, em breve, desencaixotar seus sonhos. “Estamos com o projeto de um espetáculo novo, que vem sendo planejado há alguns anos e foi estacionado por conta da pandemia, mas, agora, com o avanço das vacinas, começamos a pensar como será, finalmente, poder realizá-lo. Sabe aquela gargalhada de plateia lotada, em que você sente o ambiente vibrar? Esse é o nosso sonho!”, finaliza. ■

Respeitável público, o *CIRCOS* vem aí!

FESTIVAIS, DOCUMENTÁRIOS E *PODCASTS* NAS PLATAFORMAS DIGITAIS APROXIMAM A PLATEIA DA ARTE CIRCENSE

Mescla de teatro, dança, habilidades físicas, musicalidade e outras expressões corporais, o circo é uma importante linguagem artística a compor a programação do Sesc São Paulo e o seu acervo digital. São espetáculos, documentários, *podcasts*, séries, entrevistas, oficinas e cursos que ganham o ambiente online, encurtando a distância entre artistas e um público de todas as idades. Pela primeira vez numa programação virtual, será realizada a sexta edição de *CIRCOS – Festival Internacional Sesc de Circo*, entre os dias 28 de agosto e 4 de setembro.

Se nas edições passadas foram levantadas reflexões relacionadas à dramaturgia circense, risco, virtuosismo, caminhos dessa arte no Brasil e identidades, desta vez a questão é como o circo consegue se reinventar e se manter ativo no atual contexto. “A proposta desta edição é ativar ideias, inspirações e modelos, a partir de possibilidades formativas, processos de criação artística, reflexões e vivências, ativando conexões entre artistas, criadores, públicos e articuladores culturais”, explica Marina Zan, assistente de circo da Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo. Dessa forma, complementa Marina, “manteremos não apenas a chama acesa, mas também viva a perspectiva de seguir como um marco referencial para o desenvolvimento do circo e a manutenção de sua memória”. Acesse a programação do festival em <https://circos.sescsp.org.br/>.

Confira alguns destaques da programação dedicada ao circo nas redes sociais e plataformas digitais do Sesc São Paulo:

SESC DIGITAL **PALHAÇARIA E COMICIDADE FÍSICA** com Cia. La Mínima

Em setembro, durante o *CIRCOS – Festival Internacional Sesc de Circo*, será lançado o curso *Palhaçaria e Comicidade Física* com a Cia. La Mínima, na plataforma de educação a distância do Sesc São Paulo. Serão disponibilizadas seis videoaulas de 15 a 20 minutos, ministradas por Fernando Paz, Marcelo Castro e Filipe Bregantim, que se revezam nas demonstrações das aulas, que têm outros integrantes da companhia à frente ou atrás das câmeras na criação de conteúdo. Também há presença de convidados como Alexandre Roit, que fala sobre circo de rua; Marcelo Pellegrini, que aborda a chamada música excêntrica; e Alvaro Assad, que fala sobre pantomima. Os alunos também contam com materiais de apoio e apostila. Gratuito e voltado a todos os públicos, esse curso pode ser feito a qualquer momento e é autoguiado, ou seja, feito no ritmo do aluno. A matrícula depende apenas do preenchimento de um cadastro simples na plataforma Sesc Digital, e as vagas são ilimitadas. Saiba mais em <https://ead.sesc.digital/>.



Matheus José Maria



Reprodução

#EMCASACOMSESC

Na programação do Crianças #EmCasaComSesc, grupos circenses levam números de todos os tipos para um picadeiro virtual. Entre eles, a Trupe DuNavô apresentou *É Mesmo uma Palhaçada*, espetáculo de ilusionismo, mágica, dança e variedades. Na montagem, um grupo de palhaçaria se prepara para fazer uma live. Eles arrumam as luzes, checam se o público está se conectando, mas, de repente, percebem que estão em um cenário diferente. Na frente da plateia online, a trupe se dá conta de que foi parar na “live errada” e passa a improvisar cenas. O que acontecerá? Assista no canal do YouTube do Sesc São Paulo: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL0a5GJ0VyQFBI7erVDT4qpSIMSV6S7a6z>.

SESC DIGITAL

O circo também está presente no acervo da plataforma Sesc Digital em documentários, séries e outros programas. Entre os destaques, o *podcast Circo em Transe – Linguagem, Invenção e Movimento* passeia, em oito episódios (com 20 minutos de duração cada), pelo universo do circo contemporâneo e apresenta linguagens, conceitos, artistas e suas inquietações. Participam: Maíra Campos (Cia. Artinerant's), Bruno Rudolph (Cia. Solas de Vento), Lu Lopes (Palhaça Rubra), além de outros artistas e pesquisadores. Dirigida por Julio de Paula, essa série sonora foi produzida e lançada durante a quinta edição do *CIRCOS – Festival Internacional Sesc de Circo*, em 2019. Confira em <https://sesc.digital/colecao/circo-em-transe>.

SESCTV CIRCO É... CIRCO

Neste documentário, gravado nas unidades do Sesc São Paulo durante o *CIRCOS – Festival Internacional Sesc de Circo* de 2015, a diretora Daniela Cucchiarelli aborda a história do circo, diferencia os conceitos tradicional e contemporâneo, analisa a formação de artistas e mostra vertentes distintas. Cucchiarelli ainda levanta questões como o risco inerente ao ofício e a falta de incentivo na forma de políticas públicas voltadas para essa linguagem artística. Assista na plataforma de *streaming* sob demanda do SescTV: sesc.tv.br.



Adauto Araújo

SANTOS ARTE E VIDA – CIRCO com a Cia. Barnabô

Na segunda temporada da série *Arte e Vida*, realizada pelo Sesc Santos, a Cia. Barnabô mostra como é o seu dia a dia. Em cinco episódios (com cerca de 7 minutos cada), o casal Lu Menin e Pablo Nordio conta como vive essa família de acrobatas e malabaristas que se forma na junção de origens mineiras e argentinas. Parceiros na arte e na vida ao longo de 18 anos, Lu e Pablo também falam sobre a integração dos filhos Guido e Gael no grupo. Confira em www.youtube.com/watch?v=cTiWyKKUrqc.

CAMPINAS

CORPOS EM QUARENTENA

Nesta série de 30 episódios, artistas e grupos circenses de Campinas refletem sobre o processo criativo neste momento de pandemia. Realizada entre julho e outubro de 2020 pelo Sesc Campinas, *Corpos em Quarentena* convida esses artistas a darem depoimentos inspirados no contexto de isolamento social e também a criarem registros performáticos. O ator, diretor, palhaço e pesquisador teatral Ézio Magalhães, sócio-fundador do Barracão Teatro, em parceria com Tiche Vianna, é um dos participantes da série. Assista em www.youtube.com/watch?v=-exTKvtn-3M&t=113s.

Reprodução



24 DE MAIO

CONEXÕES

Nesta websérie documental, realizada pelo Sesc 24 de Maio, entram em cena os bastidores da criação do espetáculo homônimo, *Conexões*, da Trupe Circodança, dirigida pela coreógrafa Suzie Bianchi e formada por artistas, bailarinos e acrobatas. Dividida em seis episódios (cerca de 10 minutos cada), a série traz dilemas vividos pela companhia em seu dia a dia, antes e durante a pandemia, que transcendem o palco e as telas: Como se inspirar e ter novas ideias neste momento? Qual o papel da memória e das conexões reais que já estão estabelecidas? Conheça em www.youtube.com/watch?v=XfcFYjX_F1E.

GUARULHOS

PELOS ARES – OS BASTIDORES DOS ESPETÁCULOS AÉREOS

Você imagina como é montar um espetáculo em que os artistas ficam quase todo o tempo com os pés fora do chão? Do bate-papo *Pelos Ares – Os Bastidores dos Espetáculos Aéreos*, que integra a programação do projeto *Bastidores Cênicos*, do Sesc Guarulhos, participam Mônica Alla, coreógrafa, bailarina e acrobata; Martin Sabatino, mestre acrobata especializado em aparelhos que possibilitam grandes voos, como os trapézios em balanço, de voos e *petit volant*; e Ziza Brisola, profissional circense desde 1999. Confira em www.youtube.com/watch?v=loF-6cOyEQM.

PINHEIROS

MULHERES DE CIRCO

Quem são as mulheres que criam, dirigem, fazem e acontecem nos picadeiros? Na série *Mulheres de Circo*, realizada pelo Sesc Pinheiros, profissionais de vertentes diversas, como números aéreos, equilibrismo, magia, palhaçaria, malabarismo, acrobacia e contorcionismo, falam sobre a presença e o protagonismo femininos nessa arte, quebrando estereótipos e preconceitos. A série ainda propõe reflexões sobre como a pandemia, a quarentena e o isolamento social têm reverberado em seus trabalhos. Exibido em julho, o quinto episódio traz o trabalho da bailarina e atriz circense Marina Prado. Nele, ela apresenta *Equilíbrios Provisórios*, que faz parte de sua pesquisa sobre dança e circo. Novos episódios da série são transmitidos quinzenalmente, sempre aos sábados, às 16h, no canal do YouTube do Sesc Pinheiros. Confira em www.youtube.com/watch?v=Dat7BOOCwTY&t=28s.

Reprodução





Violência contra PESSOA IDOSA

O que leva um parente ou alguém que deveria cuidar dos mais velhos, em casa ou em instituições de longa permanência, a cometer atos de violência contra pessoas idosas? E por que assistentes sociais, médicos e outros profissionais da área relatam que essa grande parcela da população ainda se silencia quanto a seus agressores? A complexidade e a gravidade desse cenário foram escancaradas no começo da pandemia. Entre os meses de março e abril de 2020, os primeiros da pandemia, foi contabilizado um aumento de 567% nos casos de violência contra pessoas idosas, segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). “A violência contra a pessoa idosa é um fenômeno sócio-histórico e universal. O interesse de estudiosos sobre o assunto se tornou evidente apenas nas últimas décadas. Foi em 1975, quando pela primeira vez apareceu na literatura, na União Europeia, o relato de casos de violência contra pessoas idosas. Até então, a violência contra idosos não era considerada uma forma de violência”, conta a especialista em Gerontologia e doutora em Saúde Pública Marília Viana Berzins. Ou seja, mesmo quando a população mundial conquistou a longevidade devido a melhores condições de moradia, alimentação, saneamento e saúde, envelhecer não era considerado uma vitória. E ainda não é. Neste momento, uma decisão polêmica vem sendo questionada: a partir de 1º de janeiro de 2022, a Assembleia Mundial da Saúde, órgão vinculado à Organização Mundial da Saúde (OMS), prevê considerar a velhice como doença na Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Esse fato reforça o preconceito da sociedade contra um expressivo segmento da população mundial que, segundo a própria OMS, deve chegar ao número de 2 bilhões até 2050. “A velhice enquanto categoria social, dentre tantas construções que a formam, é qualificada como uma condição de incapacidade e de improdutividade, também vista por alguns, erroneamente, como um problema social”, aponta o especialista em Gerontologia Diego Felix Miguel. Em junho passado, o Sesc São Paulo realizou a *Campanha de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa* e, desde julho, apoia a campanha nacional *#velhicenãodoença*. Neste *Em Pauta*, Berzins e Miguel levantam suas reflexões sobre esse cenário.

É preciso se importar!

MARÍLIA VIANA BERZINS

Dona Joana é uma senhora de 72 anos. É viúva e recebe dois salários-mínimos de pensão do seu esposo falecido há dez anos. Teve dois filhos. Mora em companhia do filho caçula e solteiro, João, que acredita cuidar muito bem da sua mãe. O outro filho, Pedro, casado, não mora na mesma cidade da sua mãe. Há cerca de quatro anos, Dona Joana teve uma queda que a impediu de fazer suas atividades diárias e passou a depender exclusivamente do filho João para quase tudo: alimentação, pagamento das contas, higiene pessoal, acompanhamento médico etc. Ela não pode mais andar e passa seus dias na cama, perdeu a sua capacidade funcional.

Recentemente, uma vizinha denunciou ao Ministério Público que Dona Joana estava sofrendo maus-tratos do filho, passava fome, abandono, negligência, e que ela vivia em cárcere privado. Num dia do mês de abril, uma assistente social e uma promotora do Ministério Público foram à casa da Dona Joana. Ao chegarem ao domicílio, a porta estava trancada e o filho não estava no momento da visita. Depois de algum tempo, o filho João apareceu e abriu a porta para eles entrarem e verem a Dona Joana.

A cena era indescritível. Dona Joana estava em péssimas condições: desnutrida, malvestida, suja de todas as formas, inclusive com fezes, com fome e totalmente negligenciada. Estava muito doente. Foi solicitado o Samu para levá-la ao pronto-socorro da cidade. Ao dar entrada na unidade, não deu tempo para fazer muita coisa. No dia seguinte, Dona Joana faleceu.

Essa história infelizmente é verdadeira e retrata a situação de muitos idosos e idosas brasileiros que são vítimas de violência pelo Brasil afora. A violência contra a pessoa idosa acontece dentro de casa, no espaço da família onde a pessoa idosa mora e tece suas relações, e se apresenta numa relação de proximidade e com vínculos com a pessoa agressora. Infelizmente, os dados são alarmantes.

LUGAR DE PROTEÇÃO

O número de denúncias de violência contra idosos recebidas pelo Disque 100, canal de atendimento do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos

Humanos (MMFDH), nunca foi tão alto. Em 2020, foram 87.907 registros, crescimento de 81% em comparação a 2019 (48.446). É o maior volume de notificações já computado no país, segundo a série histórica iniciada em 2011. Esse número cresceu em razão da pandemia da Covid-19. Mais familiares dentro de casa, mais violência contra a pessoa idosa.

Sempre pensamos que casa, lar ou domicílio seja um lugar de segurança e proteção. Infelizmente não é assim quando falamos de violências. O “lobo mau” mora dentro da casa da vovozinha, fazendo alusão ao conto da Chapeuzinho Vermelho. Mais de 60% das violações dos direitos dos idosos acontecem dentro de casa. De um lado, a família tem seu caráter protetor e, do outro lado, é violenta e desrespeitosa com os mais velhos.

A frequência e a repetição das violências contra pessoas idosas trazem consequências a curto, médio e longo prazos. São exemplos: ansiedade, baixa autoestima, doenças crônicas, transtornos mentais e o desejo de morrer ou pôr fim à própria vida. Dona Joana morreu por negligência, abandono, maus-tratos e omissão. Seu filho João dizia que cuidava dela, sua mãe, mas, na verdade, João descuidava da sua mãe.

AO LONGO DA HISTÓRIA

A violência contra a pessoa idosa é um fenômeno sócio-histórico e universal. Representa um importante problema de saúde pública, que afeta a saúde da população individualmente e no nível coletivo. O interesse de estudiosos sobre o assunto, porém, se tornou evidente apenas nas últimas décadas. Foi em 1975, quando pela primeira vez apareceu na literatura, na Europa, o relato de casos de violência contra pessoas idosas. Até então, a violência contra idosos não era considerada uma forma de violência.

Nenhuma sociedade, por mais ou menos desenvolvida que seja, está imune à ocorrência da violência e de maus-tratos contra pessoas mais velhas. Infelizmente, os inúmeros abusos cometidos são subnotificados, não revelando a magnitude e a relevância desse fenômeno. Ressaltamos mais uma vez que essas diversas violações de direitos têm impacto



grande na saúde física, mental e social das vítimas. São graves as consequências, principalmente aquela que leva a um não reconhecimento do abuso.

A sociedade e muitos dos idosos consideram que esses tipos de condutas são normais da idade. Há resistência e dificuldade nos idosos, nos profissionais e na sociedade de falar sobre o tema e, conseqüentemente, há uma negação. É preciso romper com esse silêncio. É preciso romper com a invisibilidade e com a falta de relevância do assunto. A sociedade, a família e o Estado precisam assumir o compromisso em defesa da vida e da proteção das pessoas idosas.

Afinal de contas, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece que o envelhecimento é a maior história de sucesso social da humanidade no último século. Muitos esforços foram feitos para que a humanidade vivesse mais. Não podemos, em hipótese alguma, permitir que pessoas idosas sejam maltratadas, abusadas, violentadas por suas famílias, pela sociedade ou pelo Estado.

FRUTO DA DESIGUALDADE

A violência contra a pessoa idosa também representa um dos cenários da vida social. É uma questão de gênero, sim. Há diferenças de gênero: mais de 70% das pessoas idosas que sofrem violência são mulheres. O mundo dos muito velhos pertence às mulheres. Elas vivem em média oito anos a mais do que os homens e se constituem maioria. Mulheres que estão sozinhas são altamente vulneráveis à pobreza e ao isolamento social, aumentando, sem dúvida alguma, a probabilidade de se tornarem vítimas. Mulheres idosas precisam de uma política nacional de cuidados que possa garantir a proteção social e uma qualidade de vida digna.

Destaca-se que a violência vivida pela mulher idosa é perpetrada por membros da própria família, especialmente pelos filhos, filhas, netos e netas, genros e noras. Mais grave ainda quando se tem a presença de parceiros, uma vez que as mulheres já acumulam uma história de violência doméstica perpetrada pelos companheiros. Podemos pensar que as mulheres nascem, crescem e morrem em situação de submissão e subalternidade. A naturalização desse papel social pode se concretizar na velhice.

Muitas pessoas idosas, especialmente as mulheres, nem sequer reconhecem que são vítimas de violências. Trazem nas suas histórias repetidas cenas de violência e acreditam que seja normal da idade serem maltratadas e violentadas. Ou, ainda, assumem a responsabilidade para si, achando que a culpa é delas por sofrerem violências. Já ouvi de diversas idosas expressões

como: “Onde foi que errei?”, “Eu deveria ter sido uma mãe melhor”, ao se confrontarem com a violência de seus filhos.

Precisamos falar sobre violência contra a pessoa idosa. Precisamos nos importar com essa temática em todos os cenários da vida social. Por isso, em 2006, a ONU criou o Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa (15 de junho). O objetivo desse dia é chamar a atenção da sociedade civil, da família e do Estado para as violências que os mais velhos sofrem em suas casas, na sociedade e também pelo próprio Estado. Por fim, desejo viver num Brasil cujas autoridades respeitem a vida e a dignidade como um direito inegociável. Um país onde seja garantido a todos o direito de viver e de envelhecer com dignidade. Um Brasil livre de violências contra as pessoas idosas. ■

A SOCIEDADE,
A FAMÍLIA E
O ESTADO
PRECISAM
ASSUMIR O
COMPROMISSO
EM DEFESA
DA VIDA E DA
PROTEÇÃO DAS
PESSOAS IDOSAS

MARÍLIA VIANA BERZINS é especialista e mestre em Gerontologia, doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP), presidente do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe) – São Paulo, conselheira suplente do Conselho Estadual do Idoso-SP e membro da Diretoria da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia de São Paulo (SBGG/SP).

Velhices e a violência nossa de cada dia: conivência e silenciamento

DIEGO FELIX MIGUEL

*Tu sabes,
conheces melhor do que eu
a velha história.
Na primeira noite eles
se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que, um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.*

Fragmento do poema *No Caminho com
Maiakóvski*, de Eduardo Alves da Costa (1985)

O processo de envelhecimento e a velhice são permeados por construções socioculturais compostas por mitos e estereótipos, aspectos que podem tornar nossa relação com o envelhecer distante, num contexto de difícil aceitação e percepção sobre os ganhos que esse processo e vivência nos proporcionam. Da mesma forma, a velhice enquanto categoria social, dentre tantas construções que a formam, é qualificada como uma condição de incapacidade e de improdutividade, também vista por alguns, erroneamente, como um problema social.

Sabemos que envelhecer e chegar à velhice é uma conquista alcançada pelos avanços científicos, que proporcionam melhores condições biológicas, psicológicas e sociais às

peças. Mas também é marcada pelo processo de luta e de resistência das pessoas idosas, ao vencerem desafios e conquistarem um espaço social que lhes pertence, contribuindo com a visibilidade e o direito à voz que, sem dúvidas, marcam o desenvolvimento social e cultural.

Hoje, temos mais acesso a problematizar, falar e buscar meios de resistir a uma corrente cultural etarista – permeada por preconceito etário, que impõe sobre as pessoas idosas contextos de discriminação e preconceito, condicionando-as a uma maior exposição às vulnerabilidades sociais e à fragilização de seus direitos, comprometendo seus acessos em campos relevantes para sua participação social – como o mercado de trabalho, a fruição cultural, a educação, a saúde e o acesso a demais serviços que integram nosso pleno exercício da cidadania e da dignidade humana.

Portanto, a condição do envelhecimento e da velhice é uma questão de ordem para todas as pessoas. É uma questão de direitos humanos, transversal em sua diversidade, incluindo as minorias sociais, e que requer uma atenção ao modo pelo qual todas as pessoas estão inseridas nesse contexto.

DIFERENTES VIOLÊNCIAS

Nos últimos tempos, temos ouvido com frequência o termo “violência estrutural”. Talvez por conta dos movimentos sociais, que, a cada ano, estão ocupando um espaço importante de resistência, denunciando as injustiças que condicionam grupos minoritários à desigualdade, que os expõem a uma maior vulnerabilidade social. Isso se deve também a uma maior atenção da sociedade aos estudos voltados às ciências sociais, que questionam as estruturas que oprimem e marginalizam pessoas, apresentando problemáticas e aprofundamentos importantes sobre as relações e o funcionamento da sociedade.

De acordo com o sociólogo norueguês Johan Galtung, um dos principais pesquisadores sobre o conceito de paz, a violência tem três aspectos: *violência direta*, *violência estrutural* e *violência cultural*.

Resumidamente, a *violência direta* é aquela percebida explicitamente em nosso cotidiano e que afeta diretamente



a pessoa. É a agressão física, a humilhação, a repressão de liberdade e a negação de recursos básicos à sua sobrevivência de forma digna. Ela está inserida diretamente na relação interpessoal, de uma pessoa a outra ou em grupos, sem intermediação ou intervenção direta do Estado ou de outras instituições.

A *violência estrutural* está relacionada à condição de desigualdade numa relação de poder. É um processo, e não um ato propriamente dito, e para compreendê-la é necessário um aprofundamento das causas e uma intervenção focada para a reparação histórica. Aí, então, seria possível uma transformação social, visto que as maiores causas desse tipo de violência são a desigualdade, a exploração e a injustiça social que acometem grupos sociais em sua maioria marginalizados por condições que envolvem a discriminação e o preconceito. A condição de pobreza e miséria imposta a alguns grupos sociais é um exemplo de violência estrutural, em que o acesso dessas pessoas à educação digna, a melhores condições de trabalho, ao suporte social e de saúde é precário, o que torna quase impossível uma transformação social.

A *violência cultural*, por sua vez, é o que move grupos ou pessoas a cometerem violência. Ela é motivada por símbolos, crenças e costumes de uma determinada cultura que favorece uns sobre os outros e é perversamente considerada uma condição natural ou esperada. O machismo, o racismo, a LGBTfobia, a xenofobia, o etarismo e tantas outras expressões de preconceito e de discriminação ilustram essa violência.

A diferenciação entre essas expressões de violência é importante para uma análise e um aprofundamento

das questões que as envolvem. Porém, na prática, todas estão interligadas e se relacionam diretamente, sustentando-se nesse sistema perverso.

PAÍS DE JOVENS?

Nos últimos meses, durante a pandemia de Covid-19, vivenciamos dia a dia questões que estão relacionadas diretamente à violência estrutural, na qual a desigualdade ficou ainda mais evidente. Nesse cenário caótico, as pessoas idosas foram designadas à morte, sendo rotuladas “grupo de risco”, como se coubesse a elas a culpa por estarem mais expostas e vulneráveis neste momento.

Sabemos que o Estado, de certa forma, criou estruturas importantes de atenção à saúde e à proteção dos direitos da pessoa idosa ao longo das últimas décadas, mas pouco investiu para sua implantação e efetividade. Infelizmente, ainda pensamos e agimos como um “país de jovens”.

E que jovens? Os que estão envelhecendo. Todos! Inclusive as pessoas pretas, periféricas, pobres, LGBT, mulheres, pessoas com deficiência. São tantos os fatores e determinantes sociais que nos condicionam a uma maior exposição à privação, à invisibilidade, ao silenciamento, à exploração, à violência física e à morte. Muitos deles consentidos e cometidos pelas próprias forças do Estado, por conta dos preconceitos que ainda são “naturalizados” e banalizados por estruturas políticas e por pessoas que não ocupam esses determinados lugares sociais.

Não estamos no mesmo barco! Nunca estivemos. Por isso, os efeitos da pandemia nos atingem de formas diferentes, de maneira desigual quanto ao espaço que

A CONDIÇÃO DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE É UMA QUESTÃO DE ORDEM PARA TODAS AS PESSOAS



ocupamos socialmente. Privilegiando uns sobre outros e potencializando a negligência durante a atual crise sanitária, na qual as pessoas mais vulneráveis pagam pela privação de suas necessidades básicas, que afeta diretamente sua dignidade, assim como a própria vida.

PAPEL POLÍTICO

Onde estávamos antes da pandemia que não percebemos as injustiças sociais? Em que momento da vida deixamos de compreender que os direitos humanos precisam ser prioridade independente do contexto? Até quando ficaremos repousados em discursos de igualdade numa sociedade predominantemente desigual?

Nesse sentido, o poema *No Caminho com Maiakóvski*, de Eduardo Alves da Costa, apesar de escrito em 1985, se faz atual. Estamos acompanhando a isenção do Estado, ano após ano, sempre responsabilizando as pessoas e as famílias, perpetuando uma visão de mercado que não se adequa à nossa realidade cultural e social. Por outro lado, também estamos acompanhando as investidas contra nossos direitos, repousados na descrença ou na covardia, porque, afinal, nem sempre elas nos afetam diretamente.

Somos responsáveis e coniventes com a injustiça social quando nos acovardamos e nos negamos a falar sobre e a vivenciar a política. Somos seres políticos! Infelizmente,

erroneamente reduzimos a participação política ao partidarismo e ao ato mais abominável que conhecemos desse sistema: a corrupção, que também é uma violência estrutural, mas que, dificilmente, mesmo com nossa indignação, conseguiremos romper e, às vezes, por conta da negação ou falsa ideia de neutralidade, a reforçamos com atitudes ou posicionamentos que são coniventes para sua manutenção.

Exercer um papel político é tomar partido contra a desigualdade social. É compreender que denunciar injustiças e exercer a participação social são estratégias para transformar essa realidade. É não se acovardar e se acomodar em nossos privilégios sociais, mas reconhecê-los e torná-los justos e acessíveis para todas as pessoas, em suas diferentes realidades.

Que nosso engajamento pela velhice seja, de fato, para todas as velhices. E não uma desculpa para nos mantermos fiéis ao que está posto e é reforçado, invisibilizando e silenciando duplamente as minorias sociais, que hoje também são velhas. ■

DIEGO FELIX MIGUEL é especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), na qual também faz parte do Conselho Consultivo; especialista em Gerencia de Salud para Personas Mayores pela Organización Panamericana de Saúde (Opas-OMS), profissional associado à Associação Nacional de Gerontologia (ANG) e Mestre em Filosofia pela USP.

Assista ao Sesc Ideias

Não Enxergamos, Mas É: Violência contra a Pessoa Idosa

no canal do YouTube do Sesc São Paulo, com a participação dos especialistas em Gerontologia Marília Viana Berzins e Diego Felix Miguel, além da jornalista Lia Diskin, que recebeu o Prêmio Unesco 2006 em Direitos Humanos e Cultura de Paz.

O rio é uma serpente

FRESTAS

Trienal de Artes

2020-2021

Exposição de
21.08.2021
a **30.01.2022**,
no **Sesc Sorocaba**

Visitação
Terça a domingo
Mediante agendamento
antecipado e gratuito em
sescsp.org.br/frestas



Curadoria **Beatriz Lemos, Diane Lima e Thiago de Paula Souza**
Assistência de curadoria **Camila Fontenele** Coordenação educativa **Renata Sampaio**

Artistas participantes **Aimée Zito Lema, Ana Pi e Maria Fernanda Novo, Antonio Târsis, Bronwyn Katz, Carmézia, Castiel Vitorino Brasileiro, Coletiva Ocupação, Colectivo Ayllu, Dalton Paula, Davi de Jesus do Nascimento, Davi Pontes e Wallace Ferreira, Denilson Baniwa, Denise Alves-Rodrigues, Diego Araújo, Ella Vieira, Elvira Espejo, Engel Leonardo, Fernando Palma Rodríguez, Gê Viana, Guerreiro do Divino Amor, Haseeb Ahmed, Igor Peres, Ivan Henriques, Jaider Esbell, Johanna Unzueta, Jonas van Holanda, Jota Mombaça, Juliana dos Santos, Julien Creuzet, Lais Machado, Laura Lima, Lia García, Luana Vitra, Madalena dos Santos Reinbolt, Marepe, Mário Lopes, Musa Michelle Mattiuzzi, Negalê Jones, Noara Quintana, Nohemí Pérez, Paulo Nazareth, Pêdra Costa, Pedro Victor Brandão, Rebeca Carapiá, Rommulo Conceição, Sabelo Mlangeni, Sallisa Rosa e Sucata Quântica, Shirley Villavicencio Pizango, Tabita Rezaire, Thiago Martins de Melo, Ventura Profana, Vijai Patchineelam, Zumvi Arquivo Fotográfico**

Apoio



fundação suíça para a cultura
prchelvétia



This project is funded by
City of Munich
Department of
Arts and Culture



Apoio institucional

Realização



A vida em película

UM DOS GRANDES NOMES DO CINEMA NACIONAL TESTEMUNHA
HÁ MAIS DE CINCO DÉCADAS AS TRANSFORMAÇÕES
DA NATUREZA E DA SOCIEDADE BRASILEIRAS

Desde o premiado longa-metragem *Iracema, Uma Transa Amazônica*, realizado em 1974 e proibido no país até os anos 1980, o cineasta e fotógrafo Jorge Bodanzky testemunha a vida na Amazônia. Recentemente, a região voltou a ser o foco de suas lentes em dois projetos. Um deles, o documentário *Amazônia, a Nova Minamata?* (2020), aborda as consequências devastadoras, para a população indígena e os povos ribeirinhos, do mercúrio usado no garimpo. O outro é a série *Transamazônica – Uma Estrada para o Passado*, com o diretor Fabiano Maciel, exibida no canal de *streaming on demand* HBO, que revê a história da rodovia e sua situação atual. Mas, até se tornar o cineasta que mais registrou as mudanças na parte brasileira do território amazônico, Bodanzky estudou arquitetura na UnB, apaixonou-se pela fotografia, foi professor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e foi cinegrafista de correspondentes de TV da Alemanha no Brasil. Além disso, cobriu a revolução estudantil na Europa, que eclodiria no Maio de 1968, e, de volta às terras brasileiras, pegou muita estrada de terra acompanhado de sua Super-8. Neste *Encontros*, Bodanzky conta essas e outras aventuras.

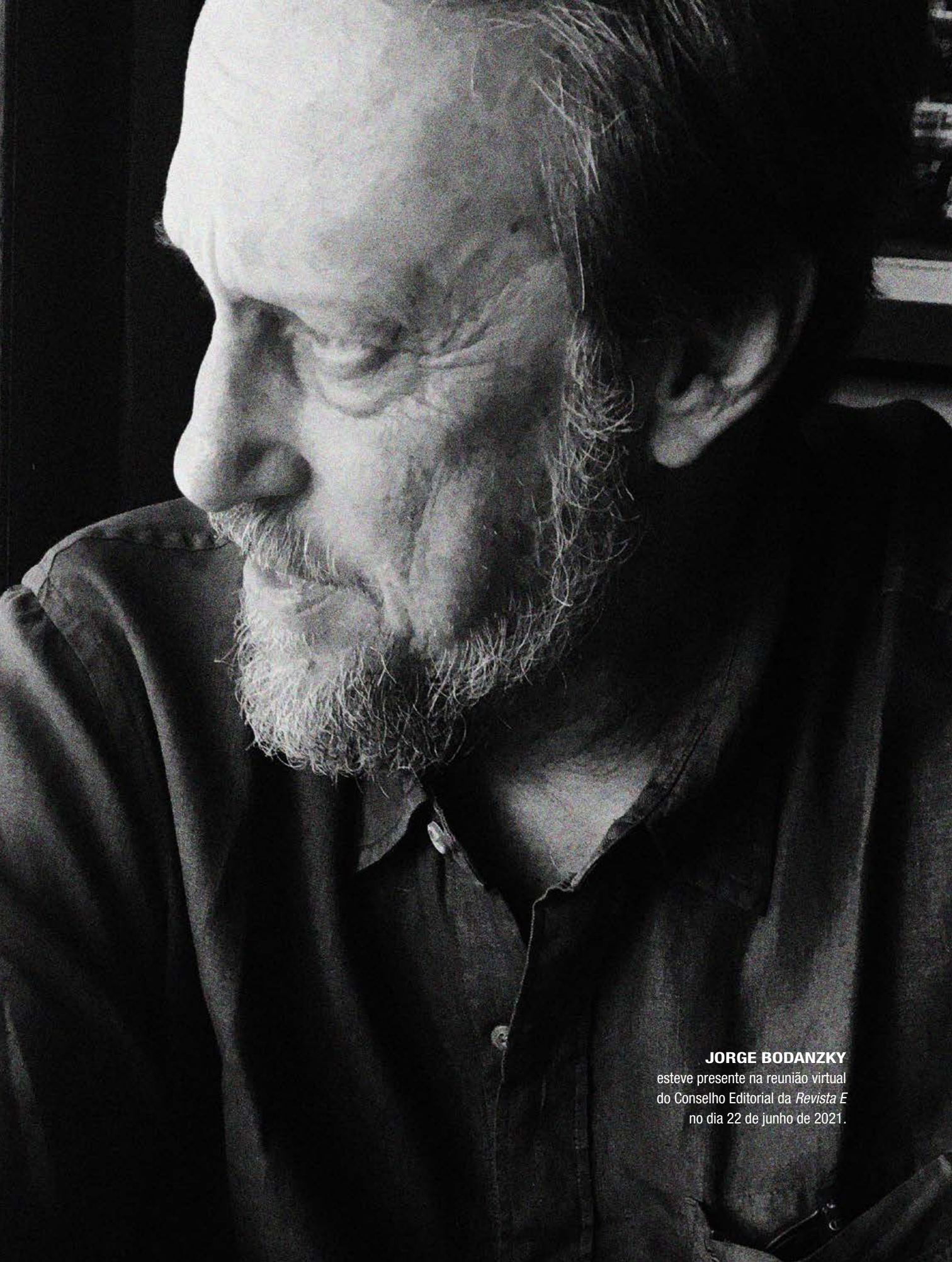
SONHOS NO PLANALTO

A experiência que vivi na Universidade de Brasília (em 1964) foi determinante na minha vida. A UnB foi criada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira ainda no governo de João Goulart a partir de uma ideia que até hoje é bastante inovadora. A gente deveria cursar matérias de todas as áreas, não só daquela que escolheu. Então, eu cursava arquitetura, mas antes fiz dois anos no Instituto Central de Artes, uma espécie de básico para depois estudar arquitetura, desenho gráfico, cinema, pintura, desenho industrial e outros cursos que iriam surgir daí. Foi essa liberdade de escolha e de vivência com professores de diferentes áreas que me levou inicialmente à fotografia e, depois, ao cinema. Foi uma experiência única e rápida porque entrei na UnB no ano de 1964 e em seguida veio o golpe. A universidade resistiu apesar das prisões e invasões que sofreu. Em outubro de 1965, a situação ficou tão insuportável que os professores assinaram uma demissão coletiva

imaginando que isso ia chamar a atenção, principalmente no meio internacional, o que acabou não acontecendo. O governo aceitou a demissão e no ano seguinte a universidade reabriu, mas com um currículo tradicional. Quer dizer, aquela experiência se perdeu completamente.

NA ESTRADA

Achei que tinha que dar um testemunho daquela época (na UnB). Por isso, fiz esse filme autobiográfico — *Utopia Distopia* (2020) —, que conta a minha história naquele momento, com as pessoas com quem convivi e quais as ideias que eram discutidas naquele momento, apesar de toda a repressão. Pude estudar com cabeças incríveis, como Athos Bulcão, Amélia Toledo, Claudio Santoro e, no cinema, com Paulo Emilio Salles Gomes, Jean-Claude Bernardet, Maurice Capovilla e uma pessoa que me influenciou muito, Heinz Forthmann, o cinegrafista do Darcy Ribeiro e primeiro a filmar o Kuarup [*ritual*



JORGE BODANZKY

esteve presente na reunião virtual
do Conselho Editorial da *Revista E*
no dia 22 de junho de 2021.

de povos indígenas da região do Xingu em homenagem aos mortos]. Enfim, olha só que privilégio. Esse filme foi feito com pouquíssimos recursos. Um produtor de Brasília, Bruno Caldas, comprou essa ideia e conseguiu um recurso da Secretaria de Cultura [*do Governo do Distrito Federal*] para exibição. Praticamente nada, mas fiz com meu celular, com arquivo pessoal e depoimento de pessoas da época que eu ainda consegui entrevistar. Queria ter esse registro do início da minha história. Outra coisa muito importante que aconteceu naquele momento: a gente era incentivado a conhecer o Brasil. Principalmente porque chegavam colegas do país inteiro [*para a UnB*] e eu, paulista, conhecia São Paulo e a Europa, mas não o Brasil. Nas primeiras férias, a gente resolveu pegar um barco no Rio São Francisco, descer até Juazeiro (BA), com um grupo de estudantes, e entrar pelo Nordeste até Salvador. Esse desejo de conhecer o Brasil não parou nunca mais a partir daí.

TESTEMUNHA OCULAR

Naquela época, não era o cinema. Fazia fotografia com o professor Luis Humberto, que faleceu no ano passado e era arquiteto também. Ele abriu o primeiro laboratório de fotografia da UnB, fechando um pequeno banheiro. Interessei-me imediatamente pela fotografia. Até hoje continuo fotografando, paralelamente ao meu trabalho com o cinema. Entrei no cinema pela fotografia. Fui por muitos anos câmera para correspondentes de tevês estrangeiras e também fotógrafo de filmes de ficção na época da Boca do Lixo, em São Paulo, final dos anos 1960. Fiz um filme com José Agrippino de Paula, *Hitler Terceiro Mundo* (1968), que há um ou dois anos ganhou uma nova cópia pelo Sesc, com exibição. Considero esse filme talvez a obra mais emblemática da Boca do Lixo, daquele cinema paulista dos anos 1960. Também tive oportunidade de fazer a câmera para *Compasso de Espera* (1973), de Antunes Filho, *O Profeta da Fome* (1970), de Maurice Capovilla, entre outros. Quando saí de Brasília, consegui uma bolsa na Alemanha para estudar numa escola que foi herdeira da Bauhaus, onde tinha um departamento de cinema. E aí começou a revolta dos estudantes do final dos anos 1960 na Europa. O diretor da escola me mandou fazer esse registro. Era um momento fantástico, quando começou a aparecer toda a liderança do Maio de 1968 na França. A polícia

não gostou dessa história e fechou a escola. Pela segunda vez, eu participei do fechamento de uma universidade. Voltei para o Brasil e fui ser professor na ECA [*Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP*]. Estavam lá, de novo, Paulo Emilio, Maurice Capovilla, Jean-Claude e outros. Mas a ECA também foi descaracterizada. Rudá de Andrade [*cinasta que participou da fundação do curso de Cinema da ECA-USP*] foi expulso e, com ele, os professores que ele havia convidado, inclusive eu.

EM SUPER-8

Sempre quis ser livre e filmar sem uma estrutura pesada. Sem estar preso a ordens de produtores. Então, trabalhava muito como cinegrafista para uma televisão alemã, para correspondentes da América Latina. Isso me deu uma cancha muito grande para fazer reportagem. Levava comigo uma câmera Super-8 como uma forma de guardar para mim o que via. Porque eu filmava com uma 16 mm e o material era levado para a Alemanha. Eu não via nada. Então, paralelamente, fazia o registro numa Super-8, na maioria das vezes. Acabei guardando esse material do final dos anos 1960, início dos anos 1970. Recentemente, ele foi digitalizado e está no meu arquivo no Instituto Moreira Salles. Descobri coisas incríveis que tinha feito, e faço uma releitura disso hoje. Naquela época, em que trabalhava para correspondentes de tevê, eu também era fotógrafo *freelancer* da revista *Realidade*, da Editora Abril. Uma revista muito corajosa, porque naquela época, auge da ditadura, abordava temas arriscados e ousados.

É TUDO CINEMA

Você lê um livro e não vai se perguntar se é uma reportagem, se é uma ficção. Agora, no cinema tem esse estranhamento. Por que essa divisão? Por que um tem que ser documentário e o outro ficção? Isso aí ficou muito enraizado na estrutura de produção. Por exemplo, quando você vai apresentar um projeto para televisão ou para financiamento de edital, tem que escolher se vai entrar como ficção ou como

O CINEASTA É UM CONTADOR DE HISTÓRIAS, E EU QUERIA CONTAR AS MINHAS

documentário. Não são gêneros, são cinema. É difícil dizer: esse filme é só documentário ou é só ficção porque não existe “a realidade”. Toda realidade é inventada. A câmera pega aquilo que você aponta com ela. Você pode fazer um documentário sobre um fato que está acontecendo na sua frente, e atrás de você está acontecendo exatamente o contrário. Então, a realidade é sempre a ficção que você está contando. O cineasta é um contador de histórias, e eu queria contar as minhas.

BASTA UM

O filme *Ruivaldo, o Homem Que Salvou a Terra* (2019), surgiu de um convite do João Farkas [*que assina a codireção*], que é fotógrafo e há muitos anos registra e documenta o Pantanal. Ele achou esse personagem, o Ruivaldo, e achou que valeria um filme. O Pantanal sofre um problema muito sério de assoreamento dos rios, que vem do Planalto Central, do Cerrado, que está sendo totalmente ocupado pelas lavouras de soja. Elas tiram a cobertura original e, quando vem a época de chuvas, a terra é lavada e essa água com sedimentos escorre para os rios do Pantanal, assoreando-os. Nesses rios, a água não flui, fica estagnada e inunda terras. Assim, o gado não tem como pastar, e as fazendas, que eram extremamente produtivas, foram abandonadas. O Ruivaldo, sozinho, resolveu criar um sistema de canais para desviar o fluxo da água e manter uma parte da fazenda dele seca. É pequena, mas o suficiente para ele ter gado, plantação e manter sua família. A ideia do filme é mostrar que um homem com vontade pode mudar as coisas, pode preservar uma área gigantesca. O filme foi feito com pouquíssimos recursos: usamos um drone e meu celular. O motivo não foi só econômico, mas para simplificar equipe e estrutura. Quando você está numa área indígena ou quilombola, conversando com as pessoas, se você chega com

um celular, fica de igual para igual porque essa pessoa também tem um aparelho semelhante. Você não é superior porque tem uma máquina que domina e constrange o outro. Essa igualdade gerada pelo celular, para mim, é muito importante. Claro que as câmeras grandes têm mais recursos. Mas, para o que eu faço, o celular é mais do que o suficiente.

RETORNO À AMAZÔNIA

Estou fazendo agora algo que para mim é muito importante. Quando eu fiz a série sobre a Transamazônica, encontrei um médico durante uma reunião de lideranças Mundurucus que estavam festejando o bloqueio de uma construção hidrelétrica – uma pequena vitória entre tantas desgraças por lá. Ele está há alguns anos pesquisando os efeitos do mercúrio nas pessoas, porque elas ingerem os peixes que absorvem o mercúrio do garimpo. E esse dano neurológico irreversível já estava começando a aparecer. Eu não fazia ideia da dimensão disso: todos os rios da Amazônia estão contaminados. E não é um problema só brasileiro. O mesmo acontece na Bolívia, no Peru, no Equador, na Venezuela. Então, os rios entram na Bacia Amazônica brasileira contaminados. E essa degradação tem um efeito lento, leva às vezes 10, 20, 30 anos para aparecer, mas, quando aparece, é irreversível. Ela ataca o cérebro, atividades motoras, principalmente as crianças, que já nascem contaminadas, porque isso passa da mãe para o bebê. Nosso filme chama-se *Amazônia, a Nova Minamata?* (2020). Minamata é o nome de uma baía no Japão que nos anos 1950 sofreu uma grande contaminação de mercúrio lançado por uma indústria química. Naquela época, não se sabia que o mercúrio causava esse mal, e a população daquela baía, que comia peixes, começou a sofrer problemas neurológicos extremamente graves. Após uma longa batalha, eles conseguiram eliminar essa indústria e despoluir a região. Lá, hoje, você já pode voltar a comer peixe. Mas aquelas pessoas ainda sofrem as consequências da contaminação. A ideia é fazer essa comparação do que aconteceu em Minamata com o que está começando a acontecer na Amazônia. A gente pode antever o futuro se nada for feito nesse sentido. ■

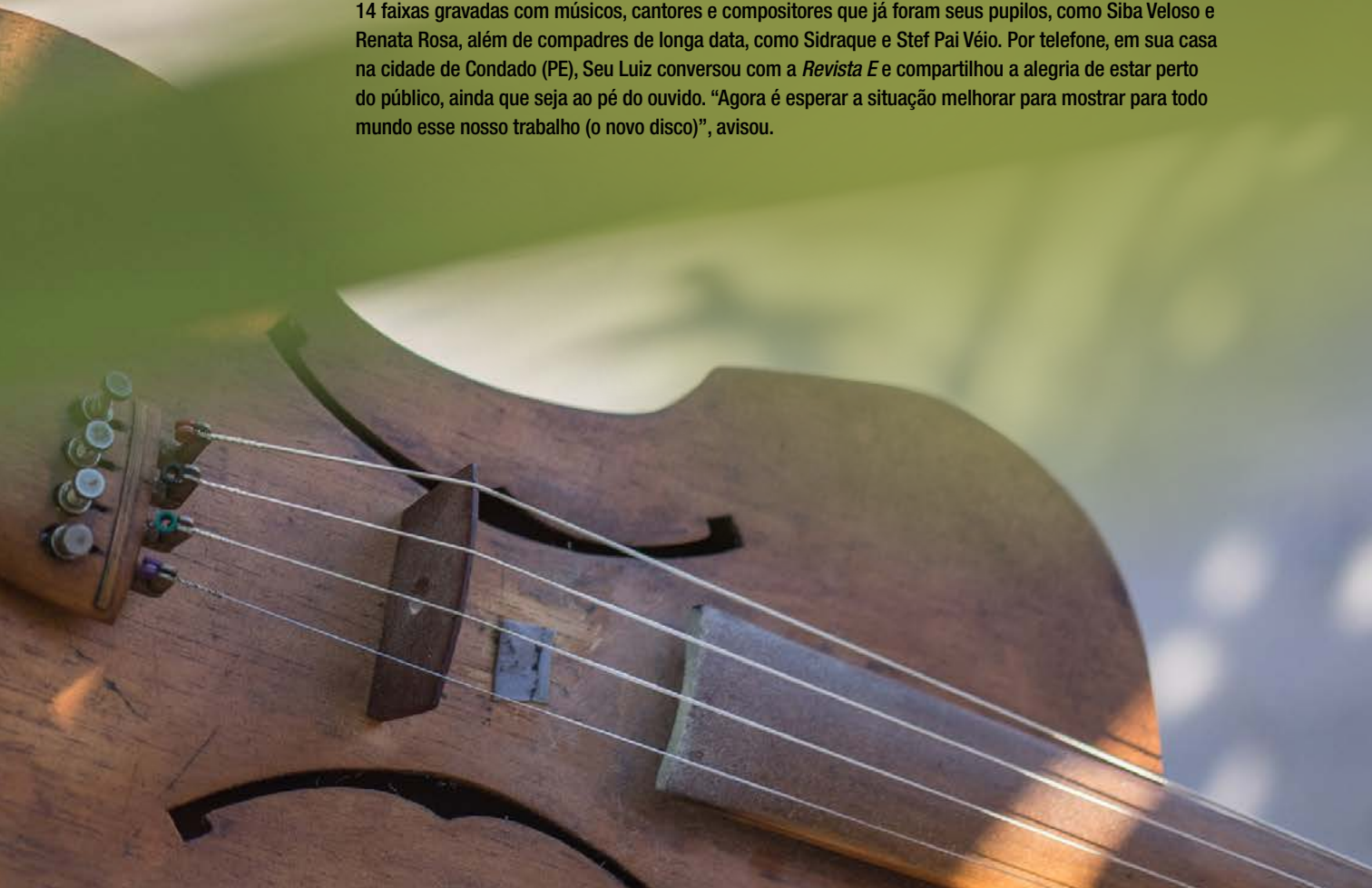




Rabeca encantada

MESTRE INSTRUMENTISTA VIRTUOSO E INVENTIVO LANÇA SEU SEGUNDO DISCO COM SAMBAS, FORRÓS, COCOS, CIRANDAS E CAVALOS-MARINHOS

Uma das principais referências para a geração de músicos que surgiu a partir do movimento manguebeat, o rabequeiro Mestre Luiz Paixão, 72 anos, fala um idioma encantado. Uma língua que dispensa papel e lápis, recursos que não estiveram ao seu alcance na Zona da Mata Norte de Pernambuco. Seu Luiz, como também é conhecido, vem dos canaviais dessa região, filho de agricultores e integrante de uma família de músicos. Começou a trabalhar aos oito anos cortando cana-de-açúcar, sempre participando de uma das festas mais populares da região: o cavalo-marinho. Aos 12 anos, com seu arco em punho e o pensamento a galope, começou a contar histórias em forma de melodias. Uma trilha que seguiu e, para tal, adotou como sobrenome artístico o mesmo do avô Severino Paixão, outro mestre da rabeca. Desse instrumento que parece um violino, nascem causos de amor, vida, morte, peleja e, claro, alegria. Um apanhado de vivências ponteadas em seis décadas como rabequeiro admirado dentro e fora do Brasil. Protagonista de pesquisas de estudiosos e artistas de todo o mundo, pelo seu conhecimento do coco de roda, do cavalo-marinho, da ciranda e do forró. Enquanto sua candidatura a Patrimônio Vivo de Pernambuco segue em andamento, o dia a dia de Mestre Luiz Paixão é dedicado à rabeca. Sempre acompanhado de amigos que compartilham a mesma devoção à música. Fruto dessa combinação, seu segundo álbum, *Forró de Rabeca*, realizado pelo Selo Sesc e lançado em junho, reúne 14 faixas gravadas com músicos, cantores e compositores que já foram seus pupilos, como Siba Veloso e Renata Rosa, além de compadres de longa data, como Sidraque e Stef Pai Véio. Por telefone, em sua casa na cidade de Condado (PE), Seu Luiz conversou com a *Revista E* e compartilhou a alegria de estar perto do público, ainda que seja ao pé do ouvido. “Agora é esperar a situação melhorar para mostrar para todo mundo esse nosso trabalho (o novo disco)”, avisou.





Mateus Sá

RAÍZES MUSICAIS

Nasci em Engenho Palmeira, município de Aliança, e sou de uma família de rabequeiros. Meu avô e a família toda tocavam para os outros dançarem. Um batia o pandeiro; outro, o triângulo; outro, a rabeça. Quando eu tinha 12 anos, já andava no meio deles também e batia nisso que hoje conhecemos como zabumba, era um instrumento chamado “melê”. Eu ficava lá com eles. Depois, com 15 anos, eu já fui tocar no cavalo-marinho [*criado como uma brincadeira, misto de teatro, música e dança, nos intervalos do trabalho na lavoura de cana na Zona da Mata Norte de Pernambuco*]. Foi com essa idade que eu apanhei uma rabeça do meu tio. Todo final de semana eu tocava nas cidades por aqui. Eu toquei em todos os cavalos-marinhos da região.

RABECA NA ACADEMIA

Chegou um pessoal aqui fazendo pesquisa de música quando eu tocava em um cavalo-marinho com Mestre Batista. Foi aí que conheci Siba [*músico recifense que, com a banda Mestre Ambrósio, reintroduziu a rabeça na indústria fonográfica*]. Siba foi assistente de João, e eles fizeram uma pesquisa aqui [*em 1991, Siba, na ocasião estudante da*

ERA PARA SER O MAIOR RABEQUEIRO DO MUNDO. COMO NÃO EXISTE ISSO, DEVERIA SER O MAIOR DE PERNAMBUCO. MAS JÁ QUE NÃO EXISTE NADA DISSO (...) ELE FICA SENDO APENAS UM MÚSICO QUE, DE TANTO DOBRAR E REDOBRAR, TRANÇAR E RETRANÇAR SUA TRADIÇÃO, ELA FICA CABENDO NO SEU BOLSO. AÍ VOCÊ ESCUTA A PRIMEIRA NOTA E JÁ SABE QUE É ELE.

SIBA VELOSO, músico, cantor e compositor, escreveu em seu perfil no Instagram

Universidade Federal de Pernambuco, acompanhava o etnomusicólogo norte-americano John Murphy, que ficou conhecido na região como “João Americano”, numa pesquisa de doutorado sobre o cavalo-marinho]. A primeira viagem que fiz foi para os Estados Unidos em 2000, por causa do estudo do João, e eu fui sozinho.

TURNÊ MUNDIAL

A Renata Rosa me conheceu através de Siba. Quando ela veio aqui para Recife, porque morava em São Paulo, me chamou para tocar com ela. Então, com a Renata comecei a trabalhar em 2002. Aí foi que fiz meu primeiro CD, *Pimenta com Pitú*, que ela produziu, e saí em turnê com um trabalho dela na França em 2003. O *Pimenta com Pitú* foi gravado uma parte aqui e outra na França. Quando a gente começou a tocar lá, com apresentação, mais a Renata Rosa e os músicos dela, foi muito estranho porque eu não sabia o idioma. Mas, depois, fui me acostumando e já estava entendendo um bocado de coisas. Daí, desenrolei e me tornei conhecido no mundo. Estou aqui até agora e muito músico quer tocar comigo, mas, quando não pode [por algum motivo], pega uma música aqui do velho e toca lá no CD dele (risos).

DESEJO FUTURO

O sonho que tenho para fazer ainda é – e tenho fé em Deus – que, daqui para o final da minha vidinha, vou lançar um DVD. Nós ainda não gravamos um. Esse é meu sonho. Seria gravado por aí, por São Paulo, porque é uma coisa mais tranquila para gravar lá, embora eu tivesse que levar o povo daqui para lá, como eu gravei meu CD agora. Já tô velho que só a gota. Mas não tem problema, porque, se Deus quiser, vou realizar esse sonho. Vamos ver se esse pessoal maravilhoso que trabalha comigo também se anima. ■

CONHECI MESTRE LUIZ PAIXÃO NOS ANOS 1990 E LOGO ELE SE TORNARIA MEU MESTRE NO INSTRUMENTO. PASSAVA COM ELE LONGAS TEMPORADAS TOCANDO NO TERREIRO NO ENGENHO GURIJÓ. COM O TEMPO, SEU LUIZ ME CHAMOU PARA TOCAR COM ELE NAS INSPIRADAS NOITES DE CAVALO-MARINHO E, QUANDO COMECEI O MEU TRABALHO, NATURALMENTE O CONVIDEI PARA TOCAR COMIGO. (...) ELE FOI UM DOS PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELA FORÇA QUE A RABECA GANHOU NO BRASIL NOS ANOS 2000 E TEM INFLUENCIADO DEZENAS DE RABEQUEIROS.

RENATA ROSA, cantora, instrumentista e compositora, escreveu em seu perfil no Instagram

Forró de Rabeca

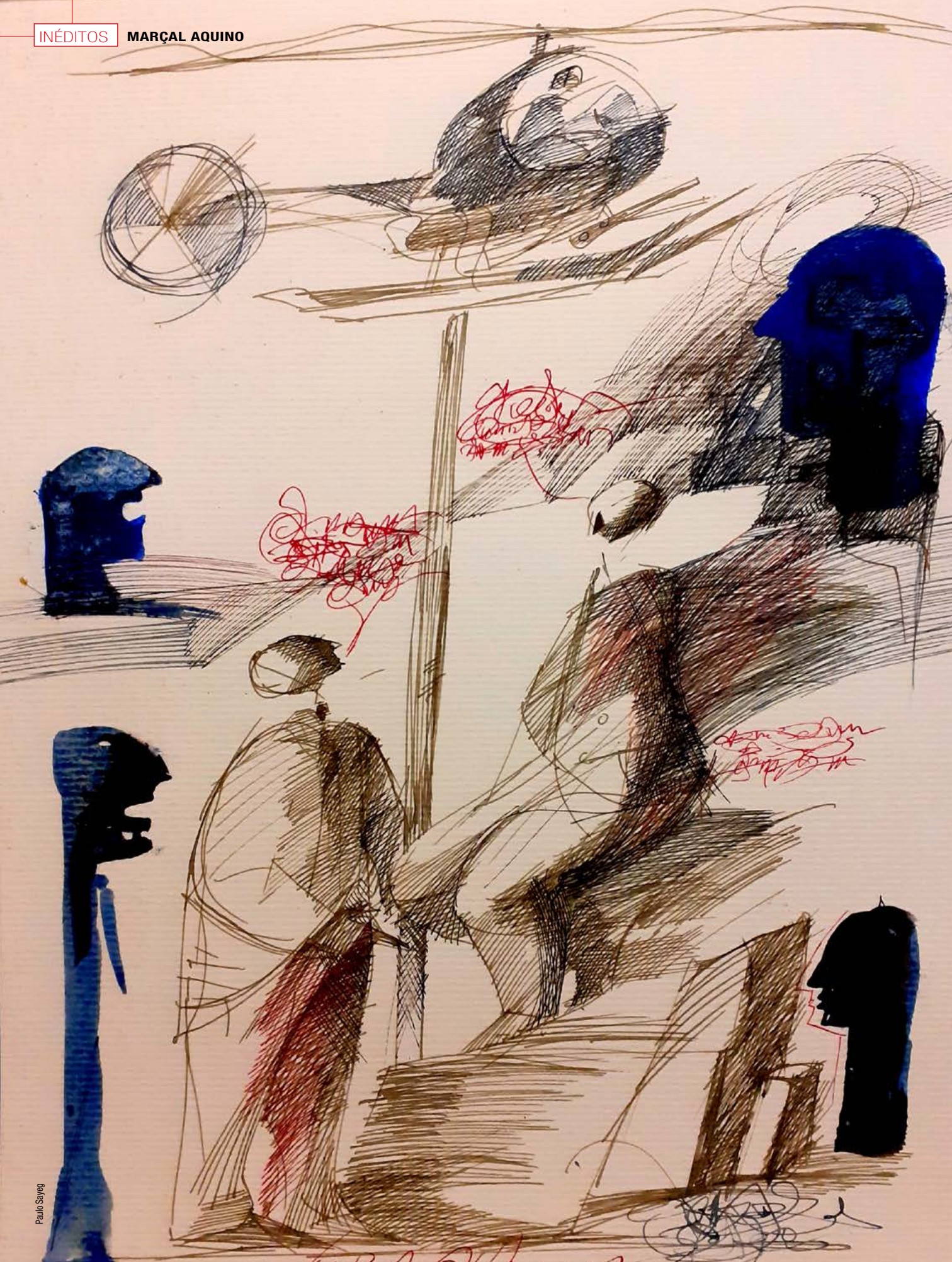
Mestre Luiz Paixão (Selo Sesc, 2021)

Gravado em abril de 2020, no Estúdio Gargolândia, em São Paulo, esse álbum digital do rabequeiro Mestre Luiz Paixão é composto por 14 faixas, entre instrumentais e canções. Nele estão as composições preferidas do músico pernambucano e faixas autorais, como *Samba da Santa*, *Baião Arrochado*, *Farol de Olinda* e a faixa-título, *Forró de Rabeca*. Há também as escritas em parceria com os músicos que o acompanham nessa longa trajetória de festas populares, como *Forró do Cambiteiro* (com Guga Santos e Stef Pai Véio), *Menina Linda* e *Samba das Rabecas* (ambas com Mina), *Dona Maria o Coco é Redondo* (com Sidraque) e *Ciranda da Macaxeira* (com Guga Santos). Destaque ainda para *Maria Pequena*, um coco em que Seu Luiz experimenta o papel de cantor. Para o produtor e diretor artístico do álbum, João Selva, Mestre Luiz Paixão é ao mesmo tempo inventivo e virtuoso: “Ele é muito aberto musicalmente e a ideia desse trabalho era mostrar essa versatilidade”, disse. Escute o disco na plataforma digital do Sesc São Paulo e entre na roda:

<https://sesc.digital/colecao/forroderabeca2>.



Divulgação



Reportagem

para Fernando Portela

Minha primeira impressão foi de que as olheiras dele eram falsas, produto de maquiagem. Vestia um paletó xadrez e usava uma gravata americana, dessas que já vêm com o nó pronto, que fazia sucesso na ocasião entre as pessoas práticas.

Está próximo o dia em que beberemos o sangue dos nossos inimigos, ele declarou, solene, logo de saída.

Liguei o gravador. Ele sorriu e tirou o aparelho da minha mão, com delicadeza.

Não é necessário: você jamais esquecerá o que vai ouvir aqui.

Deu menos trabalho do que eu imaginava chegar até ele. O motorista do jornal tinha me levado a um ponto de encontro no centro, onde um carro passou para me apanhar no horário combinado. Dois sujeitos de cara fechada. Logo entendi que não adiantaria fazer perguntas. Achei que iam me revistar ou pôr uma venda nos meus olhos ou algo do gênero, mas nada disso aconteceu.

Rodamos um longo tempo pela noite, em direção à periferia. Apesar da hora, o trânsito ainda continuava pesado. No trajeto, a dupla trocou meia dúzia de palavras, se tanto. Um deles pediu um cigarro, o outro respondeu que não tinha.

Quando chegamos a um ponto no extremo leste da cidade, adentramos um trecho de casas pobres e ruas sem calçamento e de iluminação precária. O carro sacolejou por vielas estreitas e desertas. Um labirinto. A venda nos olhos não teria sido necessária: eu jamais encontraria de novo a rua em que paramos, nem com a ajuda do carteiro do bairro – supondo-se que alguém naquele lugar recebesse cartas.

O que me impressionou na casa para onde me conduziram foi o número de pessoas que se espremiavam na sala e nas outras dependências. Velhos, mulheres, crianças. Gente simples, parda, desconfiada. Me olharam com curiosidade e em silêncio. Pareciam dispostos a protegê-lo com suas vidas, se fosse necessário. Não era permitido fazer fotos. Lembrei da proibição e toquei a pequena câmera que levava oculta no casaco.

O homem com olheiras postiças pediu que eu o acompanhasse até um dos quartos da casa. Um

ambiente sóbrio, com uma cama de solteiro, um armário e uma cadeira. Nada mais. Na parede, pôsteres de vales ao pôr do sol e outras imagens igualmente duvidosas. Ele me indicou a cadeira e sentou-se na beirada da cama. Peguei meu bloco de notas e a caneta. Vi que ele me estudava.

Você não acredita em nada disso, não é?

Respondi que meu interesse ali era jornalístico. No fundo, eu sabia que o editor estava me testando ao me incumbir daquela reportagem. Colocava à prova meu ceticismo. E eu precisava ficar bem com meu editor: existia uma vaga para cobrir o conflito nas Malvinas e eu pensava em me candidatar. Juan, o correspondente que seria substituído, estava com pneumonia.

Eu não ganho nada aqui, ele disse. Não quero o dinheiro dos pobres. Dos ricos, se puder, eu tomo.

Perguntei se ele se sentia responsável pelo que tinha acontecido.

O seu jornal acha que eu ordenei a matança, mas vocês estão enganados. Eu apenas transmito as palavras. E cada um age de acordo com a própria cabeça.

Perguntei se ele se julgava um porta-voz de Deus.

Depende. Se você estiver falando dessas igrejas que prometem o paraíso depois da morte, não. São todas uma fraude!

Seu rosto avermelhou-se, destacando um pouco mais as olheiras suspeitas. Ele passou a falar alto, exaltado.

Nosso negócio é conquistar as coisas aqui e agora.

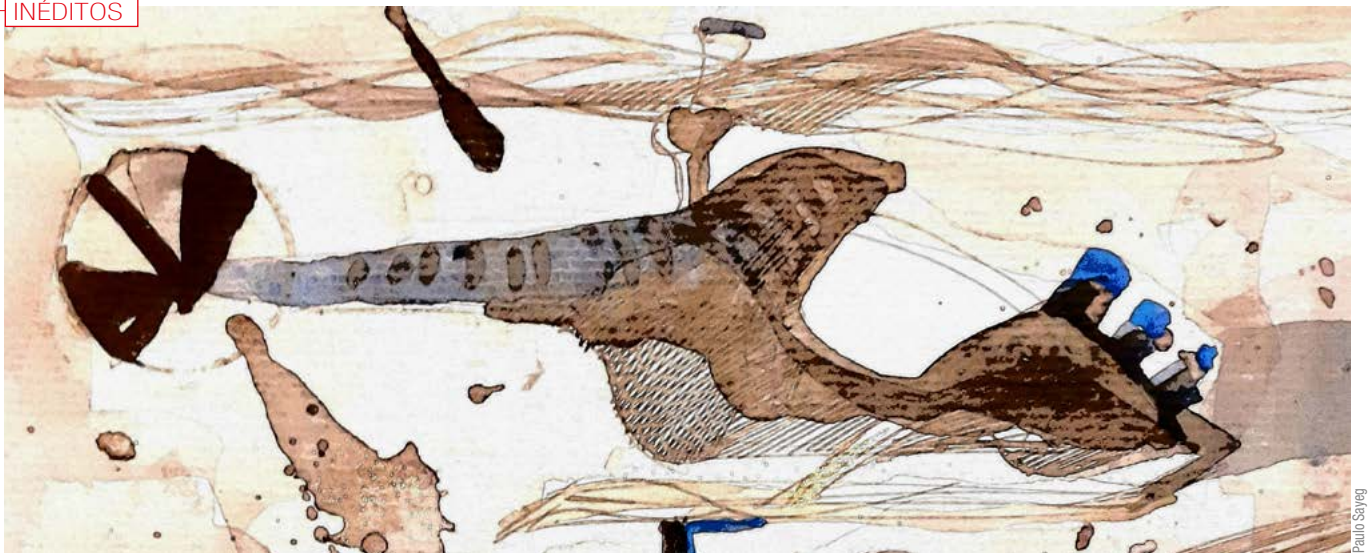
Um dos velhos abriu a porta do quarto e nos observou. Ele fez um gesto rápido, quase imperceptível. Bastou para o velho baixar a cabeça, numa reverência, e se retirar, puxando a porta.

Nunca prometi nada a ninguém, ele falou. Nenhum milagre.

Perguntei se ele não temia que as pessoas presas se sentissem traídas.

Como você deve saber, toda revolução tem seus mártires.

A idade dele era imprecisa, algo entre os quarenta e os cinquenta. No rosto liso, sem rugas, para além das olheiras, os olhos pareciam bem mais antigos. Não combinavam com o tempo de vida do restante dos traços.



Paulo Sayeg

Perguntei como aquilo havia começado, de onde ele tinha vindo. Seu passado.

Isso não é importante. Escreva no seu jornal que sempre estive por aí, esperando a hora chegar.

A polícia dispunha de pouquíssimas informações sobre ele; na realidade, ninguém sabia muito.

Uma criatura sem passado. Mencionei as mulheres.

O que que tem? Sou um homem solteiro.

Diziam que ele vivia com várias mulheres. Ele riu.

Isso é bobagem, fantasia das pessoas. Cada um acredita no que quer, não posso fazer nada.

Nesse momento, uma garota entrou no quarto. Era bem jovem e carregava uma bacia e uma jarra com água. Usava um vestido ordinário e um lenço domando os cabelos crespos e estava descalça. Ela agachou-se diante dele, tirou seus sapatos e as meias e, depois de dobrar com cuidado as barras da calça, colocou os pés dele na bacia e começou a lavá-los, como se tivesse entre as mãos pequenas algo de muito valor. Em nenhum momento levantou os olhos para ele.

Perguntei se ele não temia ser preso. Ou que acontecesse alguma coisa pior.

Infeliz do homem sem inimigos, ele respondeu.

Ouvimos o ruído de um helicóptero, que se demorou sobrevoando a casa. Ele levantou as olheiras para o teto sem forro, como se estivéssemos prestes a testemunhar um pouso forçado no telhado. A menina permaneceu cabisbaixa, mas interrompeu o que fazia por um instante.

Achei que era uma boa imagem. E enfiei a mão no bolso do casaco e apalpei a câmera, calculando que chances teria de registrá-la. Ele pareceu captar meu movimento e se voltou. Porém, antes que pudesse dizer alguma coisa, a porta do quarto se abriu e o velho reapareceu para sussurrar no ouvido dele, protegendo, com a mão ao lado da boca, o sigilo do que dizia.

O helicóptero começou a se afastar, lentamente, e só então a menina retomou seu trabalho. O velho cruzou os braços e permaneceu, em guarda, ao lado da cama. Esperamos que o ruído do helicóptero cessasse por completo. Então ele me olhou.

Você deve ir agora.

Tenho mais perguntas pra lhe fazer.

Ele repetiu que eu deveria sair de imediato, explicando que, em pouco tempo, a casa estaria cercada e ele não teria como garantir minha integridade. Depois, fechou os olhos, como se tivesse entrado numa prece. A menina enxugava os pés dele com uma delicadeza que, de repente, se converteu num contraponto à rudeza com que o velho me puxou pelo braço.

Vamos.

Antes de deixar o quarto, ainda consegui perguntar: Sobre o que vou escrever?

Escreva sobre o que você não viu, ele respondeu, sem abrir os olhos. Não é isso que vocês fazem no seu jornal?

O velho praticamente me arrastou para fora do quarto. Ao passar pela sala, vi que as pessoas continuavam amontoadas ali, agora um tanto alvoroçadas. Ao longe, dava para ouvir as sirenes. Havia um odor pesado no ar da sala, que não me pareceu humano. Um cheiro de bicho acuado, do qual nunca mais me esqueci. Um cheiro que até hoje me volta às narinas toda vez que sinto medo. ■

MARÇAL AQUINO é jornalista, escritor, roteirista de cinema e de televisão. Entre os livros publicados, estão o volume de contos *O Amor e Outros Objetos Pontagudos* (Geração Editorial, 1999), vencedor do prêmio Jabuti no ano 2000; as novelas *O Invasor* (2011) e *Eu Receberia as Piores Notícias dos Seus Lindos Lábios* (2005); e o romance *Baixo Esplendor*, lançado em abril pela Companhia das Letras, mesma editora das duas novelas mencionadas.

Lançamento
SELO SESC

TONINHO
FERRAGUTTI
& QUINTETO
DE CORDAS

O acordeon, um dos instrumentos
mais populares do Brasil, unido
a uma formação tradicional
da música de concerto

DE SOL
A SOL



DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc

festival internacional sesc de circo
circoS

28
DE AGOSTO
A 4
DE SETEMBRO
2021

**ESPETÁCULOS,
ENCONTROS VIRTUAIS,
OFICINAS E
INTERCÂMBIOS DE ARTISTAS.**

**ATIVIDADES AO VIVO E GRAVADAS,
PARA TODOS OS PÚBLICOS
100% ONLINE**

**ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO:
SESCSP.ORG.BR/CIRCOS**



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2021. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.sescsp.org.br/credencialplena e saiba mais! As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional
no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adauto Perin, Adenor Domiense, Adriana de Souza Francisco, Adriane da Silva Ribeiro, Alberto Cerri, Ana Carla Ribeiro, Ana Dias de Andrade, Andrea Rodrigues, Artur Alves Ribeiro, Barbara Yamasaki, Beatriz Esteves Gomes, Bruna da Rocha, Camila Curaça, Camila Medeiros, Carla Cruz Soares, Carlos Dereste, Cibele Camachi, Claudia de Campos, Corina de Assis Maria, Danilo Cymrot, Danilo Monteiro Leite, Danny Abensur, Diana Santos, Diego da Silva Oliveira, Diego Lemos, Eloá Cipriano, Edmar Junior, Eduardo Freitas, Estevão Denis, Felipe Diniz, Fernanda Borges, Fernanda de Oliveira, Fernanda Porta Nova, Gabriela Graça Ferreira, Giovanna Mazza, Gislene Lopes, Igor Cardoso do Prado, Ivan da Hora, Jacy Almeida Silva, Jan Balanco, José Carlos de Souza, Juliana Salles Vieira, Juliano Lima, Karla Priscila Carrero, Lidiane de Jesus, Lilian Ambar, Luciana Tavares Dias, Lucio Erico Cunha, Mariana Ruocco, Marina Tomaz Zan, Maurício Del Nero, Michael Anielewicz, Paulo Dias, Perola Nunes Braz, Poliana Queiroz, Priscila Xavier, Rafael Peixoto, Rejane da Silva, Renan Cantuário Pereira, Renata Barros, Rosana Abrunhosa, Ruth dos Santos, Solange Alboreda, Tania Perfeito Jardim, Thais Ferreira Rodrigues, Vanessa dos Santos de Paula

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Manuela Ferreira e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis, Marina Pereira e Luna D'Alama
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122.

A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: sescsp.org.br

Hortas URBANAS



Pixabay

Á se foi o tempo em que cultivar hortaliças, temperos e outros alimentos era uma prática restrita à zona rural. A concentração e o crescimento da população em áreas urbanas vêm apontando não só para a necessidade como também para o desejo de semear e colher pelo menos parte do que se come. Além disso, colocar as mãos na terra, cultivar uma horta e acompanhar todo o processo de desenvolvimento de uma planta traz benefícios à saúde física e mental de adultos, jovens e crianças. Para quem ainda acha que essa prática é bastante complicada, diversas iniciativas em redes sociais e plataformas digitais provam que basta ter curiosidade e vontade para ter uma horta para chamar de sua.

PRIMEIRA VEZ

Quando aprendemos na infância a magia que existe em plantar uma semente, vê-la crescer e brotar, nossa relação com a natureza também começa a germinar. Foi assim para o peruano Joaquín Léguia, que poliniza essa experiência pelo mundo com a iniciativa *TiNi*. “Iniciei um movimento para garantir que as crianças possam crescer em contato com a natureza e desenvolver empatia por todas as formas de vida. Foi assim que nasceu a *TiNi – Tierra de niñas, niños y jóvenes*”, explica no livro digital e gratuito *Guia para Pequenos Criadores de TiNis*, escrito em parceria com Mônica Passarinho Mesquita. No Brasil, a *TiNis* (aqui o nome ganhou o plural), uma iniciativa do Instituto Alana, reúne dicas, vídeos e publicações que fomentam essa relação com a natureza. “Bastam três vasos ou meio metro quadrado de canteiro, e lembrar que tudo o que é cultivado deve ser bom para as crianças e adolescentes, suas famílias ou comunidades e para a própria natureza”, descreve o site da iniciativa. Conheça a *TiNis* e acesse o guia: <https://tinis.com.br/#tinis-guia>.



Ilustração: Fábio Frenci

PASSO A PASSO

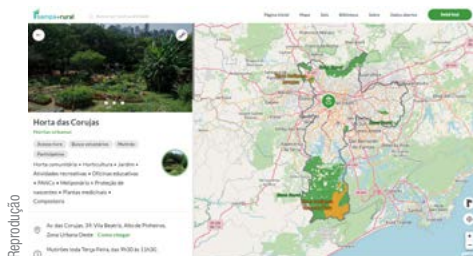
Aprender a cultivar uma horta em casa por meio de tutoriais na internet é uma ótima oportunidade, principalmente neste momento de pandemia e restrição social. Pensando nisso, a educadora ambiental **Roberta Mourão**, que realiza cursos e oficinas de hortas em escolas, empresas e moradias no centro urbano de São Paulo pela iniciativa *Loa Terra*, gravou uma série. Em dez vídeos (cada um com pouco mais de três minutos), ela nos ensina a plantar temperos e alimentos em casa ou no apartamento. Na primeira aula, um recado para os mais apressados: é preciso planejamento. Por isso, antes de sair comprando vasilhinhos, sementes e outros insumos, a educadora nos aconselha a observar onde entra o sol em casa, a que horas, por quanto tempo, além de dar outras dicas para, enfim, colocarmos as mãos na terra. Clique aqui para aprender: www.instagram.com/loaterra/channel/.



Reprodução

MAPEAMENTO DIGITAL

Você sabia que já foram cadastradas 102 hortas urbanas na cidade de São Paulo? E a maior parte delas está aberta ao público, busca voluntários ou realiza mutirão para cultivo, cuidados e colheita. Para conhecê-las, basta acessar a plataforma digital *Sampa + Rural*, desenvolvida pelo Projeto Ligue os Pontos, coordenado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. A plataforma faz de maneira colaborativa um mapeamento de iniciativas de agricultura, turismo e alimentação saudável na capital paulista. Entre os espaços já cadastrados estão a Horta Comunitária do Belém, na Zona Leste, a Horta Ocupação 9 de Julho, no Centro, a Horta da Saúde, na Zona Sul, e a Horta das Corujas, na Praça das Corujas, Zona Oeste da cidade. Descubra: sampamaisrural.prefeitura.sp.gov.br/categoria/iniciativas.



Reprodução

TECNOLOGIA A FAVOR

Muitas vezes, duas frases são as justificativas para quem acha que cultivar uma horta é difícil: “É que eu não tenho tempo” ou “Sempre me esqueço de regar”. Será que essas desculpas são mesmo obstáculos? Nos dias 11 e 12 de março passado, na programação do *Festa! – Festival de Aprender*, realizado pelo Sesc São Paulo, o produtor e artista audiovisual Caleb Mascarenhas provou que não, com a Oficina de Hortas Automatizadas. Caleb demonstrou em vídeo algumas técnicas e ferramentas para otimizar e controlar esse processo, usando sensores e as plataformas Arduino e Raspberry Pi. Dá só uma olhada: www.facebook.com/watch/?v=10155103485189583.



Reprodução

ABC das economias comuns

Na minha infância, não pensava sobre o que significava ser da minha cidade, região ou território. Nasci em Santo André, cidade do Grande ABC, e a região para mim se restringia à casa onde eu morava, à rua na qual eu jogava bola com os amigos, ao trajeto com construções abandonadas até a casa da minha tia.

Aos poucos, porém, fui descobrindo que o ABC não era apenas um local ou uma paisagem, mas também história e comunidade. Naquele estádio onde assisti ao meu terceiro jogo de futebol, ocorreu, durante a greve de 1980, uma importante assembleia com 60 mil trabalhadores que foi parar nos livros de Geografia. Nas aulas de Sociologia, descobri que até o meu gosto musical tinha um significado: o apreço de muitas regiões fabris pelo rock vinha de uma mesma raiz contestatória e, de alguma forma, aquelas chaminés industriais me aproximavam um pouco do *Black Sabbath* que eu escutava.

Na graduação em Ciências Sociais e em Economia, tive a felicidade de conhecer teorias que me fizeram enxergar a economia como uma ciência social e ter outros olhares para os territórios. Se a história de um território é feita de pessoas, sua economia também é. O historiador inglês E. P. Thompson desenvolveu essa ideia por meio do conceito de economia moral. Isto é, a vida econômica de uma região não pode ser reduzida à oferta e demanda de produtos e aos serviços disponíveis em um mercado. A vida econômica é também pautada por valores morais e culturais comunitários. Em tempos de crise, quando nem o “grande” mercado nem o Estado conseguem dar conta da situação, é a economia da comunidade que funciona. São ações que partem não do interesse privado ou da gestão estatal, mas do que há em comum entre as pessoas, constituindo o tecido social do território.

No ABC, temos muitos exemplos dessa economia funcionando por meio de iniciativas de cooperativas, associações, redes produtivas e fóruns de encontros que têm sua história pautada pelo enfrentamento às crises. É o caso da Uniforja, cooperativa dos trabalhadores da indústria metalúrgica de Diadema, com mais de 300 funcionários reunidos, que foi erguida durante a crise econômica dos anos 1990. Após a falência da fábrica existente, os trabalhadores retomaram suas atividades por meio da organização em autogestão cooperativa, pagando todas as dívidas trabalhistas do modelo anterior.

Outro exemplo dentro desse contexto é a rede de artesanato de São Bernardo do Campo, que reúne mais de 50 artesãs que mantêm seus trabalhos individuais, mas também se organizaram coletivamente para construir um ponto de venda em um shopping da região. Além dessa rede, há a Associação Padre Léo, de base católica, que construiu no Montanhão (bairro periférico de São Bernardo) uma rede produtiva que conta com marcenaria, sorveteria, comércio de produtos de limpeza e banco comunitário, promovendo a inclusão produtiva e a circulação de renda na própria comunidade. Além disso, o Fórum Regional de Economia Solidária do ABCDMRR (sigla que inclui, ainda, municípios de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra) atualmente organiza a plataforma de vendas online que surgiu em uma oficina do Sesc São Caetano em 2020, como enfrentamento aos efeitos da pandemia. Por meio desse sistema, são realizadas feiras que comercializam alimentos orgânicos de agricultores da região, há inclusão produtiva de centros de assistência psicossocial, redes de artesãos, entre outras iniciativas.

Ao perceberem que a geração de renda depende das possibilidades de sua própria comunidade, essas e outras propostas semelhantes têm promovido a autonomia local, valorizando suas próprias identidades mesmo em períodos de crise. Ter autonomia, nesse caso, não significa promover o isolamento de um grupo ou de um território em relação ao restante do mundo, mas ressignificar os termos dessa relação: não se trabalha mais com o conceito de “falta” ou “escassez”, mas de produção coletiva que descentra e descoloniza a identidade e renda das pessoas, quebrando a hierarquia econômica e cultural do centro sobre a periferia e também a hierarquia entre economia e cultura. Isso porque a economia também é determinada pela cultura, e por conta disso podem existir muitos “centros”.

Nessa minha ainda curta trajetória, sinto que fui ressignificando minha relação com o ABC, em conjunto com as próprias concepções que eu já tinha sobre território. Por meio de iniciativas como essas que mencionei, hoje sinto que a vida de um território é muito mais intensa por conta das relações em que estamos inseridos, que estão sendo produzidas, e que nos são, de fato, comuns. ■

CARLOS SEIZEM IRAMINA é graduado em Ciências Sociais e em Economia, mestre em Desenvolvimento Econômico (Unicamp) e animador cultural no Sesc São Caetano.

NO CALOR DA HORA



(...) José Gil (...) Franco "Bifo" Berardi (...) Vladimir Safatle (...) Denise Bernuzzi de Sant'Anna (...) Jean-Luc Nancy (...) Maria Cristina Franco Ferraz (...) Brian Massumi (...) Isabella Guimarães Rezende (...) Stella Senra (...) Danichi Hausen Mizoguchi e Eduardo Passos (...) Maurizio Lazzarato (...) Jérôme Baschet (...) Christine Greiner (...) Achille Mbembe (...) Emanuele Coccia (...) Coletivo Chuang (...) Clara Barzaghi (...) Jonnefer Barbosa (...) Camila Jourdan (...) Bruce Albert (...) José Gil (...) Eduardo Pellejero (...) tatiana nascimento (...) Francisco Ortega e Michael Orsini (...) Alana Moraes (...) Evando Nascimento (...) Fábian Ludueña Romandini (...) Antonio Negri (...) Durval Muniz de Albuquerque (...) Lelê Teles (...) Ailton Krenak (...) Jacques Rancière (...) Juliana Fausto (...) Sabrina Sedlmayer (...) Judith Butler (...) Bruce Albert (...) Salvador Schavelzon (...) Zé Celso (...) Carmen Silva (...) Daniel Defert (...) Frédéric Keck (...) abigail Campos Leal (...) Nina DeLudemann (...) Roberto Calazans e Christiane Matozinho (...) Alberto Martins (...) Yuk Hui (...) Pâmela Carvalho (...) Manuela Samir Maciel Salman e Amirah Asenan Salman (...) Marina Guzzo (...) Fátima Lima (...) Renan Marcondes (...) Jean-Luc Nancy (...) Daniela Lima (...) Eduardo Viveiros de Castro (...) Rafael Guimarães (...) Moacir dos Anjos (...) David Cayley (...) Jânderson Albino Coswosk (...) Philippe Descola (...) Murilo Duarte Costa Correa (...) Tania Rivera (...) Michael Löwy

Déborah Danowski (...) Giorgio Agamben (...) João Marcelo de O. Cezar (...) Andreza Jorge (...) Divya Dwivedi e Shaj Mohan (...) Giselle Beiguelman (...) Henry Burnett (...) Camila Jourdan (...) Bru Pereira (...) Bruna Moraes (...) Achille Mbembe (...) Dodi Leal (...) Helga Fernández, Victoria Larrosa e Macarena Trigo (...) Felipe Milanez e Samuel Vida (...) Camila Jourdan e Acácio Augusto (...) Tales Ab'Sáber (...) David Le Breton (...) Renato Nogueira (...) Sam Mickey (...) Marcio Costa (...) Bernard E. Harcourt (...) Hilan Bensusan (...) Luiz Marques (...) John Rajchman (...) José Fernando Peixoto de Azevedo (...) Emanuele Coccia (...) Jorge Vasconcellos (...) Maurício Pitta (...) Eduardo Viveiros de Castro (...) André Lepecki (...) Davi Kopenawa e Bruce Albert (...) Nicole Xavier Meireles (...) Iasmim Martins (...) João Gabriel da Silva Ascenso (...) Diego Reis (...) Nurit Bensusan (...) Stéphane Hervé e Luca Salza (...) Rafaela Silva (...) Tadeu de Paula Souza (...) Maria Cristina Franco Ferraz (...) Rodrigo Turin (...) Antonin Wisner (...) Jean-Luc Nancy (...) Ana Kiffer (...) João Perci Schiavon (...) Bruno Latour (...) Ernani Chaves (...) Peter Pál Pelbart (...) Georges Didi-Huberman e Frederico Benevides (...) Donna Haraway (...) Samuel Lima (...) Patrícia Mourão de Andrade (...) Christian Laval (...) Nurit Bensusan (...) Fabiane M. Borges, Livia Diniz, Rafael Frazão e Tiago F. Pimentel (...)

pandemia crítica



outono | inverno – 2 vol.

Peter Pál Pelbart (org.)
Edições Sesc e N-1 Edições

O conjunto de textos reunidos sob o título de Pandemia Crítica reflete parte das ideias e afetos que a pandemia da covid-19 despertou pelo mundo e no Brasil. São cerca de 150 ensaios de filósofos, jovens pesquisadores, ativistas e intelectuais que escreveram no calor dos acontecimentos, em meio à perplexidade geral.

